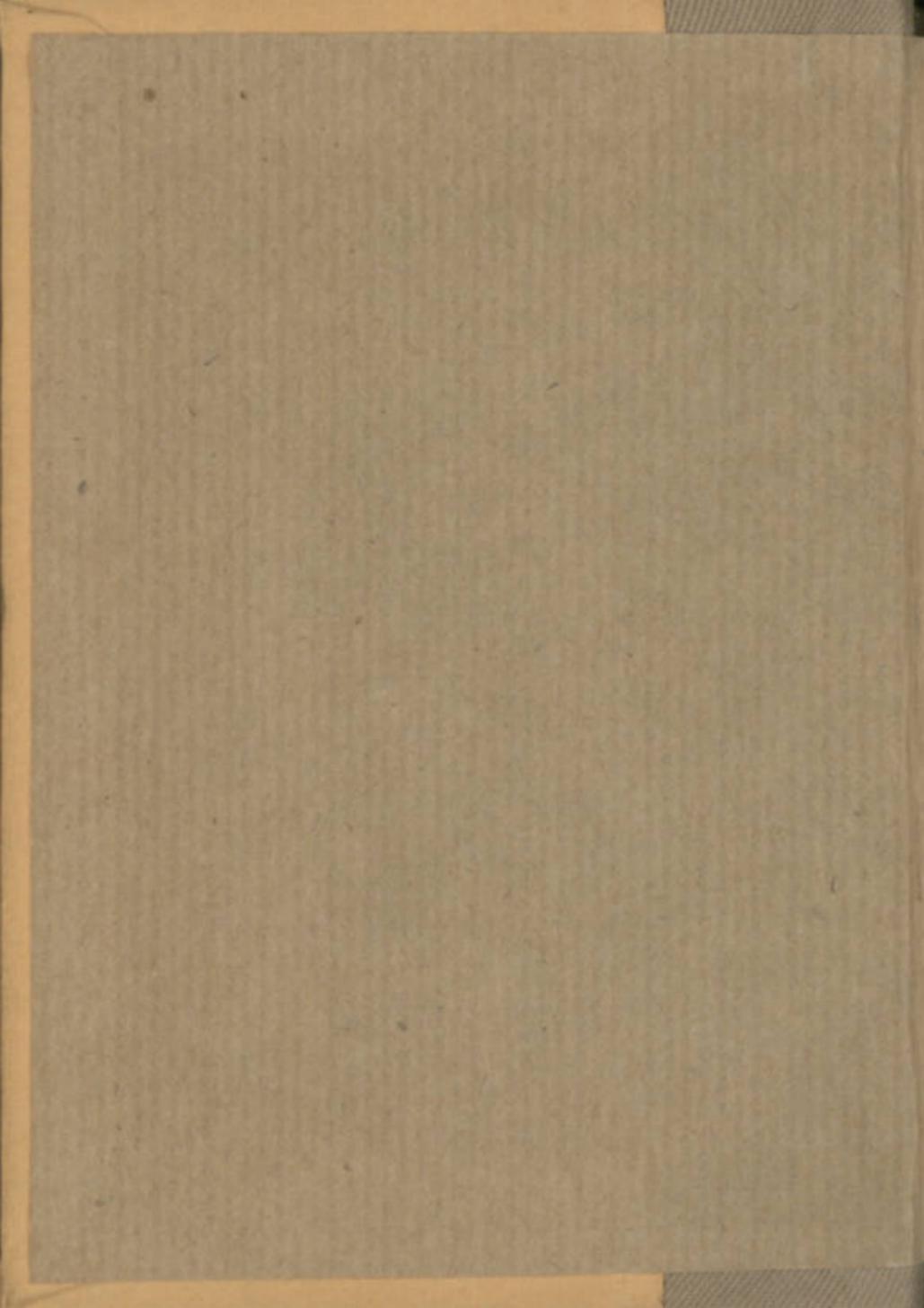


...

...

L
10





Arte de ser Português

TEIXEIRA DE PASCOES

EDIÇÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

215980
L

Le 45980



Direitos reservados

Lo 45980

ARTE DE SER PORTUGUÊS

L
45980

DO AUTOR

- Sempre — 1897
Terra Prohibida — 1899
Sempre (2.a edição — 1902
Jesus e Pan — 1903
Para a Luz — 1904
Vida Etherea — 1906
As Sombras — 1907
Senhora da Noite — 1909
Marános — 1911
Regresso ao Paraíso — 1912
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo — 1912
O Doido e a Morte — 1913
Elegias — 1913
O Genio Português — 1913
Verbo Escuro — 1914
Era Lusitana — 1914
Sempre (3.a edição) — 1914

CULTURA PATRIOTICA

I

TEIXEIRA DE PASCOAES

Arte de ser Português



EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO



COMPRA

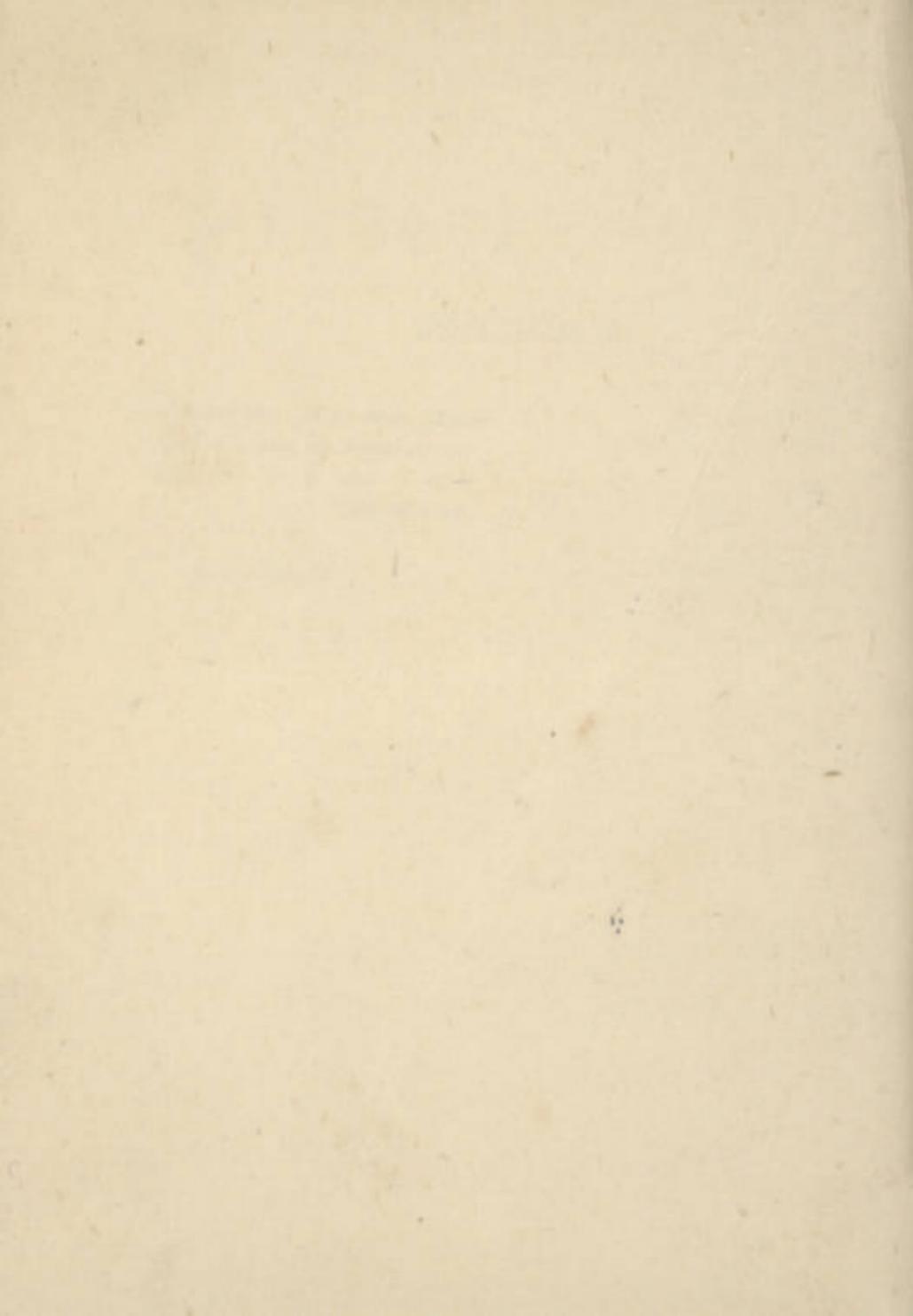
R. 177431

L
H5980

Á MOCIDADE

dedico este livro, convencido
como estou de que ele con-
tem a boa e sã doutrina
portuguesa.

O AUCTOR.



PREFACIO

NÃO conheço nenhum livro escrito no genero d'este; e d'ahi os seus defeitos inerentes a uma tentativa realisada sem modelos. E outros defeitos deve ter este livro, em virtude do auctor haver sempre orientado o seu espirito n'um sentido poetico, apesar de ele acreditar que a sensibilidade poetica vibra, como nenhuma outra, ao contacto da Realidade, e a conhece, por assim dizer, em primeira mão. Uma verdade, quando aparece no mundo, é o poeta a primeira pessoa que visita...

E eis a recompensa de todas as suas

dôres e trabalhos: conhecer a Verdade na sua infancia, nos seus floridos annos de Idealismo ou . . . de Mentira.

Este livro, não pelo seu valor literario, mas pelas verdades que encerra, deveria ser lido, estudado e comentado nos cursos de Literatura e Historia Patria, sendo certo que poderia mesmo constituir um curso independente e o ultimo dos Liceus, pois a sua materia abrange, n'uma sintese superior, as materias tratadas em quasi todos os cursos liciaes: Lingua Portuguesa, Historia Portuguesa, Literatura e Arte portuguesas, noções de Higiene, e, pelo estudo da Paisagem, noções de Geologia, Zoologia e Botanica; noções juridicas, politicas, religiosas, de caracter filosofico, etc.

Tocamos em todos esses assuntos, que

*o professor desenvolveria até ás proporções necessarias para constituirem um verdadeiro curso, no qual, recapitulando-se as sciencias já estudadas, organizar-se-hiam muitos dos seus principios em doutrina confirmativa da **verdade portugueza**, demonstrada n'este pequeno trabalho que tem o valôr de obedecer a uma logica perfeita, — garantia de que não mente, e a um patriotico intuito, — garantia da sua utilidade.*

*E assim, a nossa instrução secundaria, além das verdades que ensina aos alumnos, ensinar-lhes-hia egualmente a **verdade portuguesa**, cujo conhecimento se impõe como força reconstructiva da Patria, dentro do seu character, da sua alma tradicional evoluida até ao grau de perfeição atingido pelo espirito humano no seculo presente.*

*Instruir, educar e **criar** portugueses seria visar um alto ideal patriótico, fechando e coroando esplendorosamente o curso geral dos Liceus.*

Não foi a vaidade que ditou as palavras d'este ligeiro Prefacio, mas um desejo sincero de me tornar util á minha terra.

A ideia ahi fica, ficando-me tambem a tristeza de a não ver fructificar.

CAPITULO I

NOÇÕES GERAES

SER PORTUGUÊS

Ser português é também uma Arte, e uma arte de grande alcance nacional ⁽¹⁾, e, por isso, bem digna de cultura.

O mestre que a ensinar aos seus alumnos, trabalhará como se fôra um escultôr, modelando as almas juvenis para lhes imprimir os traços fisionomicos da Raça lusiada, que a destacam e lhe dão personalidade propria, existencia viva, projectando-se em lembrança no passado e em esperança e desejo no futuro, reali-

(1) E julgámo-la tão urgente, que apressamos a publicação d'este livro escrito em 15 dias. Nele tentei sómente organizar as ideias que tenho espalhado em conferencias, e artigos publicados na « Águia ».

sando, em si, aquela unidade da morte e da vida, do espirito e da materia, que caracteriza o Sêr.

O fim d'esta Arte é a renascença de Portugal, tentada pela reintegração dos portuguezes no character que por tradição e herança lhes pertence, para que eles ganhem uma nova actividade moral e social, subordinada a um objectivo comum superior. Em duas palavras: colocar a nossa Patria resurgida em frente do seu Destino.

As Descobertas fôram o inicio da sua Obra. Desde então até hoje tem dormido. Desperta, saberá conclui-la... ou, melhor, continuá-la, porque o definitivo não é cousa d'este mundo...

RAÇA

Desejo agora refirir-me, sobre tudo, ao sentido que anima, n'este livro, a palavra raça.

Empregámo-la como significando *um certo numero de qualidades electivas, (n'um sentido superior) proprias dum Povo, organizado em Patria, isto é, independente, sob o ponto de vista politico e moral.*

Taes qualidades são de natureza animal e espiritual, resultantes do meio fisico (paisagem) e da herança ethnica, historica, juridica, literaria, artistica, religiosa e mesmo economica.

Herança, n'este caso, significa tambem tradição.

Uma raça tem assim os caracteres d'um sêr vivo, e como tal a devemos considerar.

HERANÇA E TRADIÇÃO

Estas palavras têm, para nós, um sentido colectivo.

Se o português, como individuo, herda as qualidades de familia, herda egual-

mente as da sua Raça, porque a vida do homem não cabe dentro dos seus limites individuaes.

O português participa tambem da herança etnica, historica ⁽¹⁾ ou tradicional, adquirindo assim uma *segunda vida* que,

(1) D'ahi o valor da Historia, o conhecimento do Passado, daquele tempo em que a Raça, pela sua força de mocidade e de instincto de conservação e dominio, criou as suas instituições juridicas e politicas. Por elas devemos hoje orientar a obra renovadora de Portugal.

O homem transviado tem de voltar atraz, ao local seu conhecido, para ahi retomar a verdadeira via, o rumo que o levará ao seu destino. O que parece um regresso não é mais, afinal, do que um avanço.

Durante o esplendor da mocidade é que um homem ou um Povo cria os traços fundamentaes do seu character, pela sua influencia vigorosa sobre o meio, o qual, sobre ele, tambem actua com vigor. É no periodo da viva Sensibilidade que as almas se definem e, d'acordo com a sua natureza, caminham para o seu destino... Mas se a doença ou o cansasso as enfraquece, precisam de voltar a respirar a pura atmosfera da sua aurora; e, ganhando novas forças, poderão seguir a viagem interrompida.

por mais vasta, abrange e domina a sua existencia de individuo.

CARACTER

O fim d'este livro é dar acção moral ao individuo, num sentido patriótico, fortalecendo-lhe o caracter português.

O caracter é a expressão, em conjuncto de harmonia, das qualidades conservadas e transmitidas pela herança e tradição, que definem uma Raça.

Ele é, portanto, constituido por actividades visando um fim superior e original: um fim social, economico, religioso, artistico, etc.

Quanto a estas *qualidades*, são as proprias da Raça que convem educar e orientar. Não ha maior erro que a pretendida substituição das qualidades proprias por aquelas que admiramos nos outros

Povos. Tal cousa apenas serve para destruímos por completo o nosso character e adulterarmos, em nós, o que ha de bom nos estrangeiros. Não troquemos a nossa figura pela mascara importada.

*Ao espirito siamêsco, de imitação, opo-
nhamos o espirito de iniciativa creadôra.*

Mas temos nós qualidades proprias? Responde afirmativamente a nossa Historia sete vezes secular; a nossa Historia religiosa, artistica, politica, juridica e literaria.

As *qualidades* proprias (o character) fazem a Raça, como dissemos; e esta, por sua vez, dá origem á Patria.

PATRIA

A ideia de Patria incluye a de Raça, conforme o significado que demos a esta palavra. Todavia, esta ideia pode sobrevi-

ver áquella, na qual se contém a ideia de independencia politica. A raça polaca sobreviveu á patria polaca.

Uma Raça independente, sob o ponto de vista politico, é uma Patria.

Ha, todavia, muitos Povos, com aquella independencia, que constituem Reinos, Nações, Imperios, mas não uma Patria. A Austria, por exemplo, é uma Administração, conforme lhe chamava Mazini. Queria ele dizer que lhe faltavam as qualidades proprias que definem uma Raça.

Os Estados americanos representam Patrias ainda em formação. É natural que, sob a influencia dos seculos e do meio, comecem a crear e a fixar um certo numero de qualidades originaes que os tornem verdadeiras Patrias, no futuro.

A Raça portugueza, antes de ser uma Patria e mesmo nos primeiros tempos da sua independencia, vivia como que latente e diluida nos outros povos da Iberia.

Mas o esbôço primitivo definiu-se e a nitida figura apareceu. A Língua e os sentimentos por ela traduzidos cristalisaram, destacando-se, em alto relêvo, da confusão originária.

E Portugal tornou-se uma Raça constituindo uma Patria, porque, adquirindo uma Língua propria, uma Historia, uma Arte, uma Literatura, tambem adquiriu a sua independencia politica.

CAPITULO II

PORTUGAL É UMA RAÇA
E UMA PATRIA

Portugal é uma Raça (1), porque existe uma *Lingua portuguesa, uma Arte, uma Literatura, uma Historia (incluindo a religiosa)*—uma *actividade moral portuguesa; e, sobre tudo, porque existe uma Lingua e uma Historia portuguesas.*

A faculdade que tem um Povo de crear uma forma verbal aos seus sentimentos e pensamentos, é que melhor revela o seu poder de character, de raça.

Por isso, quanto mais *palavras intraduziveis* tiver uma Lingua, mais character

(1) Deixo de parte os caracteres antropologicos, porque o seu estudo não é essencial ao fim d'este livro e viria alongar a sua materia inutilmente. De resto, ha varios trabalhos sobre este assunto que o leitor poderá estudar.

demonstra o Povo que a falar. A nossa, por exemplo, é muito rica em palavras d'esta natureza, nas quaes verdadeiramente se prescruta o *seu genio inconfundivel* (1).

E é pelo estudo psicologico d'estes vocabulos, comparado com o estudo das *nuances originaes* (de natureza sentimental e intellectual) descobertas nas Lettras, na Arte, na Jurisprudencia, no sentimento

(1) A Linguagem é uma obra da Natureza e do homem.

As cousas *falam* á nossa sensibilidade que converte a impressão recebida n'uma forma de som articulado; isto é, *nomeia* a cousa que a feriu.

O nome d'uma cousa (principalmente das cousas vivas e naturaes) é, por assim dizer, a propria cousa em espirito verbal.

Ora, quando a sensibilidade dum Povo responde, dum modo especial, ás cousas que lhe *falam*, ou quando elas impressionam dum modo especial a sensibilidade d'um Povo, é porque ele tem uma alma propria, um poder de conceber e sentir o mundo e a vida por virtude propria.

E se as cousas nos *falam*, tambem nos *falam* os nossos sentimentos, para serem *nomeados* e

religioso d'um Povo, que podemos definir a sua alma ou character, a sua personalidade espiritual, e d'ahi concluirmos para o seu destino social e humano.

Se a nossa alma, em seu trabalho de exteriorisação verbal, se condensou em formas de som articulado, em palavras grafica e sonicamente originaes, tambem nas obras dos nossos escritores e Artistas

adquirirem expressão vivente. E quando esta expressão não encontra equivalentes nas outras Linguas, diz-se intraduzivel.

D'um modo geral e vago, assim se crearam as palavras, verdadeiros sêres com alma e corpo, que, de organismos rudimentares, interjecionaes, se foram aperfeiçoando, pelas leis que presidem ao desenvolvimento das outras creaturas.

Já Horacio considerava as palavras como sêres que nascem, que se transformam, envelhecem e morrem. Se as palavras *existem* para o maior numero, para os Artistas as palavras *vivem*, na verdade.

O genio poetico de Horacio viu aquilo que só muitos seculos depois a intelligencia dos Filologos compreendeu. Por isso, afirmei no Prefacio que o Poeta conhece as verdades em primeira mão.

autenticos, se nota uma instinctiva comprehensão da Vida, em perfeito accordo com o genio da Lingua portugueza. *E assim, estas obras são igualmente intraduziveis, como, por exemplo, o Cancioneiro Popular, o lirismo camoneano, de Bernardim, João de Deus e Antonio Nobre, etc, Revelam nuances (1) da alma portugueza que faltam á alma dos outros Povos, o que demonstra a existencia da nossa Raça.*

Tambem a vida de Portugal se tem manifestado, atravez dos seculos, por meio de factos historicos, que revelam o seu character em acção religiosa, politica, militar, economica, etc.

Basta falar nas *Descobertas* que não fôram uma obra peninsular, mas exclusi-

(1) A alma humana *essencialmente*, isto é, nos seus tres ou quatro sentimentos fundamentaes, é una e talvez imutavel. Por isso, as almas dos Povos só diferem nas suas *nuances* que entre elas estabelecem, todavia, consideraveis distancias.

vamente portuguesa, filha da nossa iniciativa aventureira, do nosso poder de raça em actividade. Para demonstrar isto, não precisamos de recorrer á Cronologia nem á porção de mundo descoberto pelos nossos marinheiros.

As Descobertas fôram uma obra essencialmente portuguesa, porque o genio português, encarnado em Camões, lhe deu a forma espiritual, sublimada e eterna.

Não devemos ao acaso a gloria immortal dos *Lusiadas*...

Temos ainda a Historia do reinado de D. Diniz, D. João I e a Historia de D. Sebastião, principalmente depois da sua morte; isto é: o *Sebastianismo* (1).

Sim: quasi toda a nossa Historia religiosa, politica e juridica, apresenta factos caracteristicos da Raça, como a primitiva

(1) A lenda do Rei Arthur pode aproximar-se da lenda sebastianista; mas ha uma differença entre elas. O Sebastianismo representa mais um facto de natureza religiosa, como adeante veremos.

Egreja lusitana, a organização municipalista do Paiz, a sua representação nas côrtes e o character da nossa antiga monarchia.

Vejam-se ainda as primeiras leis de fomento comercial e agricola (¹), visando estas a perpetuidade das familias ruraes; as leis mais representativas nascidas do *costume*, em cuja intima razão murmura o segrêdo do nosso genio, como na legenda ou na cantiga popular...

Oh, que admiravel concordancia existe entre a lenda sebastianista, o sentimento poetico e religioso que ela encerra, o genio da Lingua revelado, sobre tudo, nos seus vocabulos intraduziveis (Saudade, por ex.) o Cancioneiro do Povo, a primitiva alma da nossa Egreja, a alma da

(¹) Lei das sesmarias, aforamentos, lei avoenga e os privilegios concedidos aos comerciantes pelas côrtes de Atougia. (1.^a dinastia).

nossa Paisagem, as obras da nossa autentica Literatura, incluindo a juridica !

Em todas as actividades superiores do Povo português, existe uma perfeita concordancia, — e, por isso, constituimos uma Raça.

Portugal é tambem uma Patria, porque é uma Raça politicamente independente, senhora do seu destino.

CAPITULO III

COMO DEVEMOS CONSIDERAR
A PATRIA PORTUGUESA

Dissemos que uma Raça era um sêr vivo, com a sua ascendencia remota que lhe transmite uns certos caracteres fisicos e moraes, que ele orienta n'um bom ou mau sentido, conforme o seu estado de saude ou patologico.

Por isso, uma Patria é tambem um sêr vivo superior aos individuos que o constituem, marcando, além e acima deles, uma nova Individualidade. Esta nova Individualidade representa consequentemente uma expressão da Vida superior á vida animal e humana.

Os portugueses são séres animaes e

humanos; a Patria portuguesa é um sêr espiritual (1).

A Patria portuguesa é um *sêr espiri-*

(1) Se contemplarmos a Vida ou a Natureza, em todas as suas manifestações, observamos que ela se corporisa ou exteriorisa sob formas diferentes, em graus de diferente qualidade, distanciados talvez pela acção do Tempo sobre o Acaso, talvez sobre uma Força vagamente dirigida para um vago Fim inatingível... A verdade é que nós vêmos uma pedra, mais adiante, uma arvore e depois um homem... Percebe-se, em todas estas formas da Natureza, uma ordem ascendente (querida ou casual) que vae da pedra ao homem. A pedra parece tender para a arvore, e a arvore para o homem.

O mineral preparou o advento do vegetal e o vegetal preparou o advento do homem, por um processo indirecto, isto é, por meio de sêres animaes inferiores.

A pedra, a arvore, o homem, são tres modos de ser da Natureza (reino mineral, vegetal e animal) *anunciando um esforço*, obedecendo a circunstancias casuaes ou subordinando-as á sua vontade, do simples e imperfeito para o mais complexo e perfeito.

Mas esse *esfôrço* findará no homem? Não. Para além do homem, a Vida ou a Natureza já adquiriu

tual (1) que depende da vida individual dos portugueses. Por outra: as vidas individuais e humanas dos portugueses, sintet-

uma forma de ser superior a ele, — a *forma espiritual*.

Assim como a arvore preparou o advento do homem, assim o homem preparou o advento do espirito. Os nossos sentimentos e as nossas ideias são expressões espirituales da Vida; o seu aspecto mais perfeito e, portanto, mais real e vivo. A Vida é uma cristallisação atravez do tempo, atingindo, no Espirito, a sua forma diamantina e lapidar que refracta, em ideia consciente, as formas anteriores e obscuras de que descende.

A ideia vive, e uma vida activa quando se torna sentimental. E se ela vive, é, como tudo o que vive, um *sêr*.

A Patria, a ideia de Patria, é tambem, por consequente, um *sêr espiritual* que depende de muitas vidas de natureza animal e humana, das quaes recebe a sua fraqueza ou a sua fôrça. Tambem a vida animal depende da vida vegetal que lhe é immediatamente inferior.

(1) Vide o meu Sentido da Vida, artigos publicados no semanario portuense a «Vida», numeros 102 e 107 de 11 de Julho e 18 de Agosto de 1907.

tisadas, n'uma esféra superior, em vida espiritual e colectiva, originam a Patria portuguesa.

Temos de considerar a nossa Patria como um sér espiritual, a quem devemos sacrificar a nossa vida animal e transitoria.

CAPITULO IV

A LEI SUPREMA

Observando agora o processo por que os sêres se perpetuam e progridem, vemos que os imperfeitos representam *transições* para os mais perfeitos. O perfeito alimenta-se do imperfeito. O superior vive do inferior.

A lei suprêma da Vida, é, portanto, a lei do sacrificio das formas inferiores ás superiores.

Até no mundo fisico se revela e tem o nome de *gravidade*. O corpo menor é atraído pelo maior. Attrair é viver; ser atraído é morrer. O pequeno corpo atraído perde-se, *morre* no grande corpo que attráe...

Os seres não realisam em si o seu destino, mas n'aqueles a que sacrificam a sua existência.

O rio é a morte de muitas fontes e o mar é a morte de muitos rios; mas o rio no mar é mar. A consciencia humana é tambem a morte, o sacrificio de muitas vidas animaes e vegetaes inferiores a ela.

Assim o individuo sacrificado á Patria fica tambem a ser Patria.

Cumpriu a fonte o seu destino, tornando-se rio, e o rio tornando-se mar e o individuo tornando-se Familia, Patria, Humanidade, subindo da sua natureza individual e animal á perfeita natureza do Espirito.

Nunalvares, por exemplo, morreu como homem para viver como Portugal.

A lei suprema da Vida, é a lei do sacrificio. Ela rege a propria harmonia universal. Se desaparecesse, o mundo voltaria ao Cahos.

O português, sêr individual e humano, deve sacrificar a sua vida à Patria portuguesa; — sêr espiritual e divino (¹).

Não é só nos campos de batalha que o individuo cumpre a Lei suprêma. Também a cumpre amando e trabalhando, como chefe de familia, como patriota e como homem, a favor da Familia, da Patria e da Humanidade.

A lei do sacrificio, é portanto, a lei do amôr e do trabalho.

O amôr-sacrificio é o amôr sem egoismo: o que dá tudo sem nada receber; é, emfim, o Amôr.

Dar o sentimento natural d'esta Lei suprêma aos portugueses, estabelecer en-

(¹) Veremos adiante como os sêres espirituaes, Familia, Patria, Humanidade, são pessoas de Deus.

tre eles e o seu destino uma perfeita concordancia, isto é, elevá-los a esse estado de alma, chamado heroico (morrer pela Patria, amar e trabalhar) vêde o fim deste livro, ou, melhor, a sua patriótica ambição.

Ha momentos em que o sentimento de obediencia á Lei suprêma, desfalece, pondo em perigo a independencia d'uma Raça, a qual se firma, a todo o instante, no esforço comum dos individuos que a compõem. Assim uma exgotada terra, definha as arvores, as vidas superiores, que d'ela se alimentam...

E' preciso, portanto, fortalecer, dar relêvo animado e activo á alma dos portugueses, para que a Patria, que d'eles depende, ganhe nova energia e vida nova.

Sem acção moral pode haver existencia, mas não ha vida. E a propria acção material, não sendo espiritualmente orientada, torna-se esteril.

A Pátria, pela sua natureza, está intimamente ligada á Humanidade. Tentá-la destruir é um absurdo, como querer tornar os homens eguaes, metendo-os á fôrça dentro da mesma fôrma jurídica. As leis escritas jámais poderão revogar o que a Vida legislou. A ideia de Pátria, incluindo a de Raça, significa uma natural modalidade da vida colectiva.

CAPITULO V

COMO CULTIVAR O SENTIMENTO
DE SACRIFICIO

A vida humana, quanto mais perfeita, mais complexa.

O homem rudimentar limita-se a viver como animal. O homem um pouco superior, já acrescenta á sua vida animal a de familia, que é de natureza espiritual, embora mais restricta que a de Patria.

O homem superior, além da sua vida individual e familiar, vive tambem como patriota. E o homem sublime, o santo, por ex., vive ainda a vida da Humanidade e mesmo a do Universo.

Familia, Patria, Humanidade representam sêres espirituaes, cada vez mais complexos, que findam na suprema vida espiritual: Deus.

Fazer com que o individuo se eleve da sua existencia animal á vida colectiva da pequena e grande Familia a que pertence, isto é, torná-lo bom pae e bom patriota, corresponde, a cultivar n'ele o sentimento de sacrificio, a voluntaria e consciente obediencia á Lei suprêma, de cujo cumprimento depende a liberdade e o progresso da Patria.

O INDIVIDUO (1)

O individuo é a materia prima de todos os sêres espirituais a que aludimos. Deve, portanto, cultivar a sua vida animal, fortalecê-la e embelezá-la. *É o culto divino da saude (2) que é a fonte da alegria e da beleza, do desejo actuando sobre a he-*

(1) Empregamos este termo como significando o homem animal, biologico.

(2) Veremos como o culto da saude termina no culto da saudade, espiritualizando-se a antiga relação filologica entre as duas palavras. A saude era o Desejo. Veiu o tempo crear a Lembrança, am-

rança ou a lembrança. E d'esta acção resultará o nosso Renascimento.

O individuo belo e saudavel transmite beleza, saude e alegria aos sêres espirituaes que d'ele nascem: Familia, Patria, Humanidade.

O individuo doente e feio como que anoitece o mundo . . . Tem o quer que é de criminoso.

Antes de tudo, combatei a fealdade pela cultura da saude. Sêde um belo animal, uma bela e bôa materia prima do Espirito. O sentimento de sacrificio, para ser, exige aquele excesso de vida que nos leva a desprezar a morte e a trabalhar alegremente (1).

O homem deve amar a sua saude, a

pliando-se a palavra saude e o seu sentido. (Vid. « Saudade Portugueza » da senhora D. Carolina Michaelis).

(1) De resto, o homem é, para si mesmo, *alguem* que lhe foi confiado. Por isso, os peccados contra a saude são irremissiveis. A todos corres-

alegria e a beleza da sua pessoa. E este amor é sublime. É já a primeira forma do amor paterno. É amar os filhos antes da sua propria existencia. É cultivar a alegria, a beleza dos que hão de nascer. É amar o futuro. É crear a capacidade de trabalho que augmenta a riqueza. É saber, enfim, cumprir a lei do sacrificio.

ponde, sem apêlo nem agravo, a pena capital, a morte.

Mas, em bôa verdade, nós sômos mais altruistas do que egoistas. Mais nos interessa o alheio do que o proprio. Eis o erro.

O homem deve, antes de tudo, amar a sua pessoa individual, vendo já n'ela a sua descendencia. O verdadeiro proximo somos nós. O outro proximo é uma ilusão, origem piedosa de muitos males.

Deixar de beber é preferivel a pregar contra o alcoolismo. Eu sou capaz de perder uma noite, com o cigarro na boca, a redigir um discurso contra o tabaco. Sou altruista. Desprezo o mal que me causa o cigarro, mas encomoda-me o prejuizo que ele faz ao meu visinho. E nem sequer me lembro das vidas que poderão vir a soffrer dos meus vicios!

Sim: em nós é que devemos amar verdadeira-

O homem que despreza a saude, não pode ser bom pae nem bom patriota.

O PAE

Foi em volta do velho tronco a arder que os primeiros homens, impelidos pelo inverno e pela noite, se reuniram em

mente o proximo. Se todos os homens se tivessem amado a si proprios, em vez de terem amado os outros, creio bem que a Humanidade seria hoje mais feliz.

Graças ao terrivel altruismo de nossos avós, o povo português soffre d'essa terrivel doença,—a fealdade, que é uma sintese de todas as doenças.

Esta doença tem dois aspectos: o urbano e o rustico; e tres causas principaes: a mestiçagem, o vicio e a penuria.

Nas populações ruraes encontram-se varios tipos de fealdade, degenerescencias provocadas pela miseria; aquella terrivel fealdade que, em certas fisio-nomias de camponezes, principalmente nas mulhe-res envelhecidas, representa a propria Fome plasti-sada em figura humana. E' mais tragica e menos odiosa que a fealdade urbana, denunciando os vicios e as táras negras que a geraram.

fraternal convívio, creando-se aquelle sentimento de mutua simpatia que é o doce alvorecer da vida social.

Na caricia do lume, na confiança inspirada pelo numero, as primeiras almas entreolharam-se, já sob o dominio da identidade natural que as casava.

O amor, elegendo a vida em comum, nasceu com a chama protectora, do velho tronco a arder, no gêlo dos mezes invernosos e das trevas primitivas. Ainda hoje, ao canto da lareira, nas noites de Dezembro, sentimos o calor alegre do lume dar aos nossos nervos irritados pelo frio, aquella domesticidade que, outr'ora, no mais negro do Passado, alumiu de fraterno amôr o indeciso nascer da alma.

A mulher casual tornou-se a companheira, e o homem viu, á sua sombra, formar-se o primeiro nucleo humano, onde a sua vida individual se alongava em outras vidas, nas quaes ele estava presente pelo sangue e pelo amôr.

E assim, o homem começou a viver,

para além de si, uma vida nova e d'outra natureza.

Ele já não era ele sómente... Era o homem e o Pae. Era o animal rompendo os seus limites, conquistando a sua fâse espiritual, criando a Família, o alicerce eterno d'uma Patria, a origem eterna da Arte, da Poesia, da Sciencia, da Agricultura, da Industria, da Civilisação, emfim.

O bom português deve cultivar a sua vida de Família.

O pater familias, o Pâe, é já, na verdade, um sêr que excede o individuo. A sua existencia sobe de natureza, emquanto sintetisa a tradição e a esperança da Família. Traduz, n'uma unidade moral, a vida da Esposa e dos Filhos, de modo a tenderem todas para um mesmo fim superior e nobre, pelo culto das virtudes dos Antepassados e pelo trabalho creador do Futuro.

O Pae é já um sêr espiritual, e a Família deve constituir uma pequena Patria. Não tem ela as suas tradições e aspirações, a sua vida de lembrança e desejo? E tem a *sua alma*, a sua personalidade propria, a sua raça, emfim.

Por isso, deveria, como as Patrias, estar ligada indissolúvelmente a um certo territorio, a um certo paiz com a sua capital, a velha casa, entre as velhas arvores, onde o Pater, o Chefe do pequeno Estado, viveria, sob a sombra tutelar de venerandos Phantasmas avoengos (1).

Essa terra e a sombra dos Avós for-

(1) Vide a cit. *lei avoenga* (da 1.^a dinastia), a qual dava aos descendentes ou parentes proximos o direito de preferencia no caso de alienação ou venda dos bens hereditarios da Família, e até o direito de os retrahir ou remir dentro em certo prazo. (Coelho da Rocha, Direito Patrio, pag. 82).

Parece que esta lei deu origem ao *morgadio*; e, adaptada á nossa época, bem poderia servir de base á constituição duradoura da familia rustica, recreando-se para a nossa Patria, um alicerce inabalavel, condição do seu progresso e liberdade.

mariam a base perpetua da Familia. Succeder-se-hiam, sobre essa terra sagrada, as gerações, deixando, nela, quaes *memorias* ⁽¹⁾, o seu amôr e o seu trabalho, corporisados em *obras novas*, em accrescimos de riqueza.

(1) O camponez da minha região, dá o nome de *memorias* ás obras de certo vulto realisadas n'uma propriedade rustica e mesmo ás velhas arvores em volta das velhas casas.

Nas arvores antigas, descobre a vida remota de quem as plantou, e na leira nova, no novo tanque de pedra, na nova sala acrescentada á casa, julga perpetuar a propria vida, e sente-se já evocado pelos que hão de vir . . .

Vê-se que ha no povo o instincto da estabilidade da Familia pela posse perpetua da terra. O seu instincto procede como se existissem ainda os velhos morgadios; substitue o que é pelo que devia ser. Tem o sentimento religioso e tradicional da Familia. E porisso devemos ler e estudar o seu espirito analfabeto, para nos orientarmos n'esta obra de renascimento patrio.

Do organismo português, a unica parte viva e sã é o povo rustico dos campos, o auctor do « Cancioneiro », a cujo esplendor só resiste o lirismo camoneano.

Ao Pae competiria fomentar a vida economica e moral da pequena Comunidade, educando, trabalhando e fixando a tradição familiar, o character, a alma da Familia, n'um sentido progressivo, isto é, combatendo-lhe as más tendencias para lhe despertar as bôas (1).

(1) Quando, no homem, ha bôas e más qualidades, a energia das que definham ou desaparecem, vae animar com mais vigor as que ficam. Assim á custa d'um sentido os outros se tornam mais apurados.

Do homem que possui defeitos e virtudes pode-se fazer alguém; mas d'um temperamento amorfo, nem bom nem mau, impossivel fazer mais do que um phantasma.

O Mal e o Bem são talvez a mesma energia, diferindo apenas na direção tomada ou imposta.

Um bandido, n'um certo momento, pode ser um heroe; o *pobre diabo*, jamais!

Antes de tudo, é preciso que a criatura seja animada, represente um fóco de energias que a educação depois orientará. Esta, só de per si, nada faz. De que serve semear em terra morta?

Cultivemos primeiro o *individuo*, o sêr animal, materia prima do Espirito.

A *familia rural*, vivendo do trabalho agricola e na constante convivencia da Natureza que purifica e eleva a alma, constituiria, pela sua independencia economica, simples costumes e valor da sua actividade, uma nova aristocracia, a aristocracia do trabalho honesto e essencial: o que cria o pão que mata a fome.

A esta classe (primeiro estado) em virtude da sua estabilidade, deveria pertencer o culto da tradição historica, literaria, artistica e religiosa, firmando as primordias qualidades da Raça, que ela defenderia das estranhas influencias facilmente recebidas pelas populações urbanas. Ela seria o intimo nucleo indestructivel da Patria portuguesa.

Emquanto que a *familia urbana* (segundo estado) dedicada á industria e ao commercio, pelo seu character mais transitorio e estreitas relações com o estrangeiro, representa já uma força de transformação,

revolucionaria, que a *familia operaria* (terceiro estado) encarna verdadeiramente.

E assim, a actividade rural, urbana e operaria, criando, d'acordo com os tempos modernos, a antiga hierarchia tradicional (os tres estados) que deu ordem, organização, disciplina á nossa Patria, — equilibrando-se, completando-se mutuamente, formariam o Estado português por intermedio dos seus representantes eleitos, conforme o processo que descrevi na « Era Lusitana », (pag. 24 e 25).

Impõe-se o culto da Familia sob aqueles tres aspectos: *rustico, urbano e operario*, como sendo os tres elementos basilares da Patria.

Mas deve ser um culto religioso, porque a Familia é, como a Patria e a Humanidade, um sêr de natureza espiritual e divina: a primeira pessoa de Deus.

De resto, não ha sentimento digno da alma humana, que, pela sua propria tendencia de aperfeiçoamento, se não torne

religioso. O profano é inferior ao homem que parece ter nascido para que Deus fôsse. Mais do que Deus para o homem, existe o homem para Deus.

O sentimento religioso é indispensavel á nossa vida superior. É ele que nos leva a cumprir com alegria a suprema Lei do sacrificio de que dependem as Patrias e a Humanidade. E é, talvez, por isso mesmo, que ele existe, dum modo essencial, na creatura bem formada, intacta ainda nos seus nobres elementos.

Dentro da casa paira a divindade da Familia. A velha lareira é um Sanctuario com as imagens dos Avós. A Lembrança religiosamente nos prende ás suas almas; e, por intermedio delas, comunicamos com Deus (1).

(1) O Santo padroeiro da *freguezia* é tambem o Santo protector das familias que n'ela vivem. Pondo de parte certos casos de migração e imigração, essas familias descendem d'uma primitiva Fa-

O nosso Christianismo tradicional adapta-se espontaneamente a esta concepção religiosa da Família, que ele divinisa pelo culto de Maria, o typo suprêmo da Mãe. E divinisa a nossa Patria pela intervenção de Jesus na fundação de Portugal (1), como

milia que transmitiu o seu nome e o seu *Padroeiro* ás terras que fôram sua popriedade e que depois constituíram uma parochia ou freguezia.

(1) Bem sabemos que o Christo de Ourique é uma lenda, o que ingenuamente demonstrou Alexandre Herculano.

Jesus Christo, conforme este escritor, não appareceu a Affonso Henriques prometendo-lhe a victoria. Ele nega *apenas* a verdade material do facto.

Mas é certo que a Lenda se formou, o que, para nós, tem mais valor que a realidade historica d'aquella Apparição. A esta realidade preferimos a legendaria. Á intervenção espontanea do Redemptor, preferimos a sua intervenção *querida* pela alma popular.

Jesus Christo interveiu, embora idealmente, na fundação de Portugal.

O Povo como que nacionalisou Jesus, tornando-o paladino da sua Patria.

Este facto revela a feição patriotica do nosso

divinisou a Humanidade pelo sacrificio do Calvario.

O casamento deve ser, portanto, um acto religioso e de sacrificio aos filhos, em vez d'um acto egoista, sensual e dissolvente.

O character religioso do casamento dá estabilidade á Familia e está de acôrdo com a sua natureza de pessoa moral e divina, parte integrante de Deus. (1)

Deve ser uma alma religiosa, a do Pae,

Christianismo, como o que dissemos ácerca da antiga familia rustica, demonstra a sua feição familiar.

E vê-se que na Legenda existe, em mais verdade, o genio d'um Povo, que na Historia. Aquela, é creada pelo que ele tem de mais intimo e profundo; e esta, pelo que ele tem de mais comum aos outros Povos.

Sim: o culto da Familia e o da Patria estão contidos no nosso Christianismo. A imagem divina da Familia e a imagem divina da Patria podem subir ao altar dos nossos Templos.

(1) O horror (?) actual ao sentimento religioso, foi espalhado pelos politicos profissionaes que vêm

adorando a Deus, como suprêma Perfeição, na Família, na Pátria e na Humanidade, conforme o poder emotivo do seu espirito, ou sua capacidade amorosa e representativa do Universo.

O MUNICIPE

Foi por intermedio da vida municipal que, entre nós, a Família começou a existir politicamente (1).

na Igreja como que um rival pretendendo substituí-los no governo das Nações, e pelos sabios materialistas que exigem o exclusivo da sciencia.

Aqueles são anti-religiosos por interesse; estes, por vaidade, por aquella vaidade surda á célebre frase de Socrates, tão verdadeira que o levou ao tumulo: «*Só eu sei alguma cousa, por que sei que nada sei*».

(1) Veja-se a historia das *Córtes* que datam do reinado de D. Affonso II (1211). Essa historia demonstra o belo espirito de independencia politica, afirmado pelo nosso Povo, nos seus periodos de vitalidade. Ele interveiu sempre no governo de Por-

Os Municipios devem ser o ponto de contacto entre a Familia e a Patria, dimanando o Estado directamente d'aqueles, sem os terriveis intermediarios que têm o nome de partidos, fações, clientelas, etc. O Estado derivaria da propria organisação municipalista. Scindida esta nas suas varias corporações, formaria o governo local, o governo municipal; reunida superiormente, em Côrtes, constituiria o Estado, pelo processo descrito na *Era Lusitana*:

tugal, limitando a soberania do Rei e dando á antiga monarchia um character verdadeiramente liberal.

As côrtes de 1385 propozeram que o rei formaria o seu Conselho de cidadãos das principaes cidades do reino, escolhidos sobre propostas de listas triplices; — que ouviria os povos em todos os negocios que lhes tocassem; — que se lhes não imporia tributos, sem serem ouvidos e sem que com sua decisão e conselho se buscassem os meios suaves para a sua execução; — que não faria a guerra, nem a paz, sem seu consentimento.

D. João I reuniu as Côrtes, durante o seu reinado, 22 vezes! Depois, nas de Torres Novas (1438) estabeleceu-se que seriam convocadas annualmente.

As côrtes que D. João IV convocou em Lisboa,

«Impõe-se uma Republica (ou qualquer outra forma de Governo) que fructifique em pleno seculo xx e mergulhe as raizes até ao fundo heroico do Passado, de forma que ela seja o intimo e secular sentir da Raça organizado em leis modernas. Estas leis, breves e claras, formariam o nosso esqueleto politico e social, garantindo á Patria a sua figura inconfundivel, e de pé.

O Chefe de Estado seria eleito por bastantes annos e por todos os representantes dos Municipios, cujos presidentes reunidos

(1641) estabeleceram, como principios incontestaveis do direito publico, *que o poder do rei provem originariamente da Nação e que esta lh'o pode tirar quando ele se torne indigno e tirano.*

E nas Côrtes do ano seguinte, os procuradores dos povos chegaram a propôr a accusação contra ministros do rei, alguns dos quaes foram condemnados; e as de 1668 depozeram D. Affonso VI.

Estes factos gloriosos da nossa historia politica, devemos coloca-los ao lado das Descobertas. Se elas revelam o espirito aventureiro de iniciativa; aqueles, traduzem o espirito de liberdade, que fôram duas grandes qualidades da alma patria.

annualmente, ora em Lisboa ora no Porto, deveriam constituir as Côrtes, com os presidentes de outras Associações ⁽¹⁾ (comerciaes, scientificas, operarias, etc.), as quaes elegeriam e demitiriam os ministerios.

(1) Todas as Camaras, onde os operarios tivessem maioria e todas as suas associações de certa importancia, enviaram ás Côrtes os seus representantes, o que lhes dava uma notavel e util interferencia no governo do Paiz.

Quanto aos operarios ruraes, em vista do seu atrazo intelectual, da sua vida isolada e dispersa pelos campos, encontrariam, nas necessarias leis de fomento agricola, elaboradas em harmonia com o espirito d'aquelas leis antigas já citadas, — a melhoria de vida a que têm direito, e tão util mesmo ao progresso da riqueza rural.

Refiro-me, sobre tudo, aos *arrendamentos* de predios rusticos, que deveriam ser reformados no sentido de garantir ao caseiro mais firme permanencia nas terras arrendadas, libertando-o principalmente dos caprichos eleitoraes do senhorio e aivando-lhe o interesse de melhor as cultivar. Estas reformas são compatíveis com o direito de propriedade.

(Vide o artigo que publiquei no 1.º da *Aguia*, 1.ª serie).

Às tres entidades, Chefe do Estado, Ministerio e Côrtes, competeria o governo da Nação. Portugal seria assim uma especie de Confederação de Municipios, autonomos quanto á sua propria vida, mas intimamente ligados na vida comum nacional.»

Desta maneira, se conciliaria a maior independencia municipal com a maior unidade nacional.

O presidente d'um Municipio seria tambem um representante da Patria. As duas qualidades harmonisar-se-hiam no mesmo individuo. O interesse do Municipio e o do Paiz encontrariam n'ele um perfeito acôrdo, dos mais belos e patrioticos resultados, e a representação nacional, tornando-se mais legitima, não enfermaria dos males do nosso actual parlamentarismo estrangeirado na sua origem e roido por todos os defeitos (1).

(1) Dada a organização municipal do Paiz e do Estado, conforme exposemos, os partidos politi-

Imediatamente aos seus deveres de Família, *o bom português deve cumprir os seus deveres de municípe.*

cos, as clientelas, ninhadas de bachareis roedores, ou desapareceriam por completo ou ficariam muito reduzidas na sua ação deletéria. Os chamados deveres partidarios, em nome dos quaes tantos crimes de lésa patria se cometem, não prejudicariam no português os seus mais altos deveres de patriota, municípe e chefe de Família.

O português não seria *correligionario* e não ligaria grande importancia ás formas de governo que nada representam por si. Amoldam-se ao estado saudavel ou doente d'um Povo, e jamais subordinam este ao grau de atrazo ou adeantamento que pretendem significar. Assim a forma republicana, em certos Paizes, tornou-se aristocratica (o predomínio duma casta); e n'outros Paizes, a monarchica tornou-se democratica. Quer isto dizer que as formas de governo são isentas de significação, ócos symbolos reduzidos a uma palavra.

Devemos atender aos princípios, ideias ou sentimentos que traduzem as leis organisadas em corpo juridico do Estado. Devemos atender ao corpo e deixar de parte o vestuario.

Em politica, sejamos medicos, higienistas, enfermeiros, mas, de nenhum modo, alfaiates.

Corrigir em vez de destruir é um sabio pre-

Pondo de parte a sua origem latina e os seus primitivos fins colonisadores, (1) pode considerar-se o *Município* (2) *um certo numero de familias casadas pela paisagem, por alguns laços de sangue e ainda por interesses economicos e uma tradição historica e religiosa.* (3)

O Município tem sua historia, ás vezes, assignalada por factos de importancia nacional; tem a sua economia propria, o seu character, a sua tradição, etc.

ceito economico. Republica, Monarchia são cousas secundarias. Portugal é tudo.

(1) Houve Povos dotados de privilegios especiaes por se haverem distinguido na guerra contra os Mouros. Chamavam-se *Behetrias*.

(2) As instituições d'esta natureza, com a sua adaptação a um novo meio étnico, vão creando modalidades que as tornam mais ou menos originaes.

(3) Refiro-me, é claro, aos Conselhos verdadeiramente caracterisados, como, por exemplo, o de Amarante que tem a sua tradição religiosa em S. Gonçalo e a sua tradição historica, na defeza da ponte contra os francezes.

O munícipe deve, portanto, conhecer a historia do seu Municipio, estudando o que ele foi no Passado, as suas características especiaes na economia, na linguagem, na paisagem, etc., para melhor compreender as suas aspirações de progresso.

Dando-se-lhe a completa independencia que pretendemos, ele deveria organizar a *sua instrução primaria*, tornando-a, por assim dizer, patriótica, sob o ponto de vista municipal, como desejaríamos ver a instrução secundaria, sob o ponto de vista nacional.

E assim, em cada Municipio, o ensino primario abrangeria o estudo da sua propria Historia, para esse fim redigida por pessoa competente. A creança, depois de saber, na casa paterna, o que houve de bom exemplo na tradição familiar (¹),

¹ Refiro-me ás Familias que se destacam pelo trabalho economico e moral. São estas que devem orientar e dirigir a outras.

iniciaria o espirito no conhecimento da Historia patria, pelo estudo historico do seu Municipio, aprendendo a conhecer e a amar a sua terra, os homens que n'ela se distinguiram e por ela trabalharam, e habilitando-se, portanto, a melhor cumprir, mais tarde, os deveres de municipe (1).

Da Familia deve sair o municipe, como do Municipio deve sair o patriota.

Não incluimos esta instituição nos *sê-res espirituaes* a que nos referimos já, porque lhe faltam os dois attributos necessarios: a consagração e a beleza ideal.

A Familia e a Patria, em virtude do seu culto universal, atravez dos seculos, demonstram pertencer mais á Vida e áquela Realidade ascendente que se vae sublimando até Deus.

(1) Passamos da Familia para o Municipio, pois as parochias ou freguezias actuaes representavam, cada uma, primitivamente uma só familia, e ainda hoje a sua importancia, por ser restricta, é mais de character familiar.

O PATRIOTA

O bom português deve cultivar a sua vida de patriota, essa vida que abrange o individuo, o pae e o municipe e os excede, creando um novo sêr espiritual mais complexo, caracterisado por uma profunda lembrança étnica e historica e um profundo desejo concordante, que é a repercução sublimada no Futuro da voz secular d'aquela herança ou lembrança . . .

É já um grande homem quem souber viver a vida da Patria, subordinando-lhe, sem os destruir, os seus interesses individuaes, familiaes e municipaes.

Por isso, o viver como patriota não é facil, principalmente n'um meio em que as almas, incolôres, duvidosas da sua existencia, *materialisadas*, não atingem a vida da Patria, rastejando cá em baixo, em torno de mesquinhos interesses individuaes e partidarios. Mas para Portugal continuar a ser, precisamos de elevar até ele a nossa vida, conhecê-lo

na sua lembrança e na sua esperança, na sua alma, emfim.

Não podemos amar o que ignoramos (1).

Impõe-se, portanto, o conhecimento da alma patria, nos seus caracteres essenciaes. Por ela, devemos moldar a propria alma, dando-lhe actividade moral e força representativa, o que será de grande alcance para a obra que empreendermos, como patriota, no campo social e politico.

O politico (2) estranho á sua Raça, não saberá orientar nem satisfazer as aspira-

(1) Emquanto se não crear uma élite independente, sob o ponto de vista economico, e representativa, sob o ponto de vista nacional, todas as luctas politicas, movimentos revolucionarios, mesmo animados d'um sincero desejo patriotico, resultarão estereis.

(2) O politico deve ser, d'algum modo, um *enviado*, um eleito da Raça, não pelo processo do sufragio conhecido, mas por aquele intimo processo biologico historico que, em certos momentos da vida d'um Povo, encarna e condensa, n'um ou em alguns individuos, as suas aspirações que, dessa

ções nacionaes. É preciso que na sua alma cristalise, em viva ideia definida, o sonho vago da alma popular. E é preciso ainda que lhe saiba dar concreta realidade. Do contrario, fará obra artificial, transitoria e nosciva, por contrariar e mesmo comprometer o destino superior d'uma Patria.

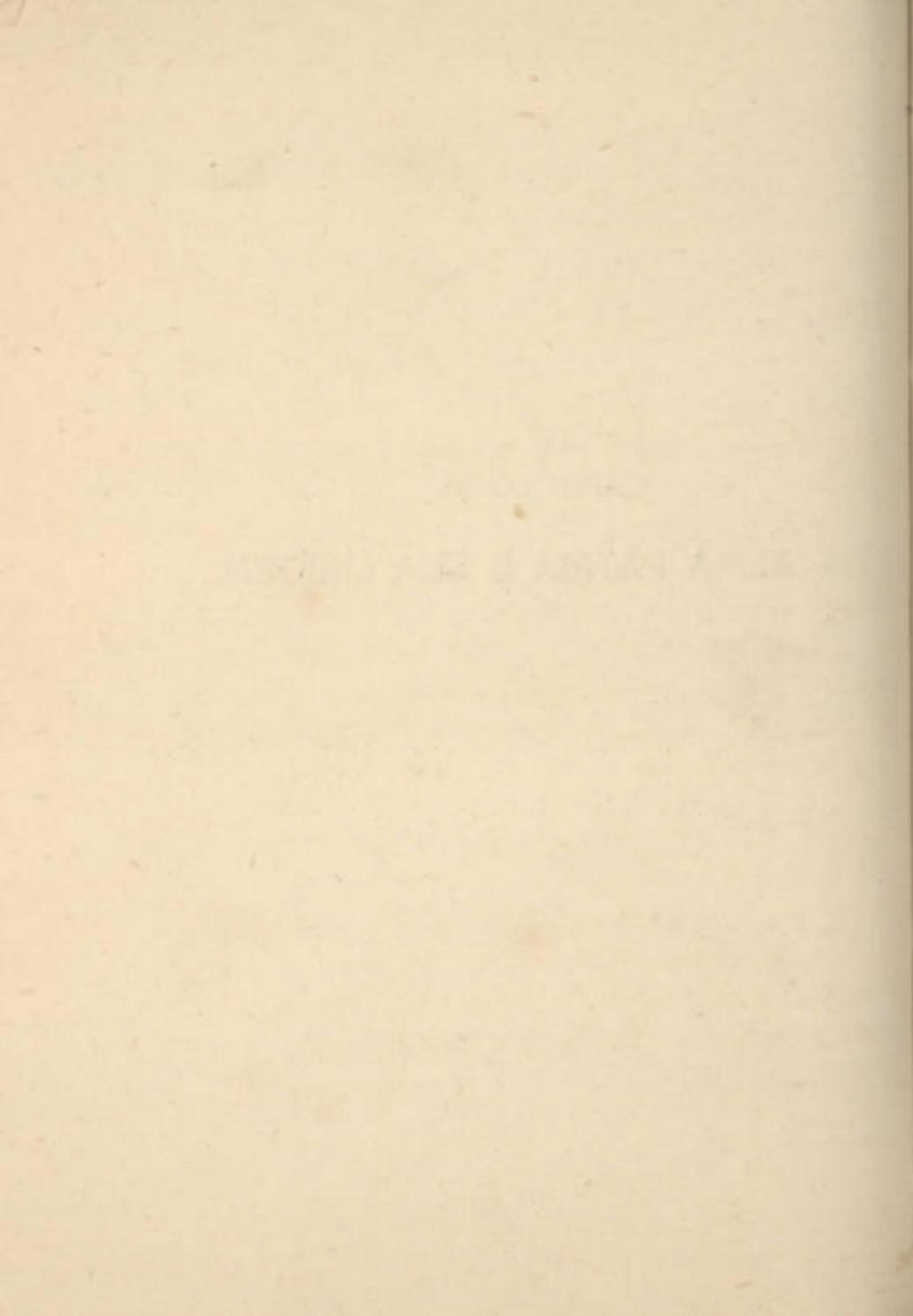
Sim: o bom português necessita conhecer a alma da Patria, entranhá-la e acendê-la em seu espirito, guiando-se pela sua luz. Depois legislará, reformará ou creará litteraria e artisticamente uma obra duradoura e util.

maneira, se realisam e engrandecem ou ganham mesmo novas modalidades superiores.

A descaracterisação da Raça, adoecendo-a, diminue-lhe a *força de enviar*, de eleger os seus verdadeiros representantes e conductores.

CAPITULO VI

DA ALMA PATRIA E SUA ORIGEM



A SUA ORIGEM

A *alma lusiada* tem a sua origem na fusão de antigos Povos que habitaram a Península, e na Paisagem.

Esta bela flôr espiritual brotou d'uma haste que mergulha as raizes na terra e no sangue, entre os quaes se estabeleceram verdadeiros laços de parentesco.

A PAISAGEM

É na região de Entre-Douro e Minho, que o Portugal de terra se mostra em alto e nitido relêvo. É ali, portanto, que devemos estudar a Paisagem, como fonte psíquica da Raça.

Quem atingir as alturas do Marão, o seu pincaro mais elevado, (1:400 metros acima do mar) onde está edificada a pequena ermida da Senhora da Serra, avista, para as bandas do nascente, a escura e montanhosa região de Traz-os-Montes; e, para os lados de noroeste e nordeste, a paisagem verdejante e alegre do Minho. Depois, aproximando o olhar, descobre, n'esta mesma direção, as terras visinhas do Tamega que participam de Traz-os-Montes pelo acidentado do terreno e do Minho pelo verde e alegre colorido dos seus vales e pradarias.

O doloroso drama transmontano e o bucolico idilio minhoto, fundem-se, na região do Tamega, n'uma paisagem original que é o proprio busto feito em terra, em arvores e fontes, do genio dos lusiadas.

Se exceptuarmos as planicies do Alemtejo, monotonas, como que anoitecidas d'um vago e antigo sonho mourisco, e os

desnudos planaltos transmontanos d'uma hostile e amarela aridez judaica, a paisagem portuguesa (1) é quasi toda egual á banhada pelo Tamega.

Entre Douro e Minho é o coração terreno de Portugal casado ao sentir ingenuo da Raça.

A reflexão da paisagem no homem é activa e constante. A paisagem não é uma cousa inanimada; tem uma alma que

(1) Muito se tem escrito ácerca da paisagem de Coimbra em prosa e verso. Toda de melancolica suavidade, a sua alma diluida em meigos tons que se combinam n'uma doce fisionomia parada e contemplativa, traduz propriamente o indeciso alvoroço do nosso genio, a tristeza da meia sombra matutina, a lagrima alvorante dos nossos primeiros elegiacos.

Mas nas terras de entre-Douro e Minho, a Paisagem portuguesa define-se pela combinação amorosa ou dramatica dos seus contrastes. Ali, atingiu a maior idade, tem máscula figura desenhada em todos os seus caracteres. Veremos adiante como eles coincidem com os da alma patria.

actua com amôr ou dôr sobre as nossas ideias ou sentimentos, transmitindo-lhes o quer que é da sua essencia, da sua vaga e remota qualidade que, n'eles, conquistam accção moral e consciente.

A nossa alma, comungando a alma da paisagem, adquire-lhe as qualidades e, em troca, oferece-lhe a propria vida.

Porisso, a paisagem representa um grande papel na existencia do homem; tem sobre ele como que um poder de herança, egual ao dos phantasmas avoengos.

O estudo da paisagem, como exercendo uma influencia moral no homem, creio que está, infelizmente, por fazer,—o que torna incompleto o conhecimento da alma humana, deixando, na sombra, a origem e a natureza de alguns sentimentos e instinctos ⁽¹⁾ (o da beleza e o do crime, por

(1) Em Traz-os-Montes, paisagem dolorosa, ha mais crimes de morte do que no Minho, paisagem alegre e feliz.

Ali, a navalha que mata, converteu-se no cacête, no ramo de arvore que faz barulho. O instrumento

exemplo, nas suas formas pantheistas) de certas modificações que soffrem, de certas *nuances* que adquirem, etc.

O SANGUE

Empregamos esta palavra como significando Herança.

Os rubros globulos sanguineos trazem, dentro da sua micrósopica esféra, espectros de antigas almas desaparecidas, n'um constante resurgir, que vão definindo e elegendo o character dos individuos e dos Povos.

Gritam no sangue velhas tragedias, murmuram velhos sonhos, velhos dialogos com Deus e com a terra, esperanças, desilusões, terrores, heroismos, que dese-

crimíal vegetalisou-se, e a *pancada* ou *paulada* é, por assim dizer, o crime de offensa corporal paganisado . . .

nam, em tintas vivas, o scenario e a acção das nossas almas.

O sangue é a memoria, presença de phantasmas, de que se alimentam e vivem a realidade animal do individuo e a realidade espiritual da Patria.

Á voz do sangue responde a voz da terra; e este dialogo misterioso mostra os caracteres em que se define a nossa intima fisionomia portuguesa.

A Iberia foi primitivamente povoada por diversos Povos de que descendem os actuaes castelhanos, vascos, andaluzes, galegos, catalães, portugueses, etc.

Aqueles Povos pertenciam a dois ramos étnicos distinctos, diferenciados por stigmas de natureza fisica e moral.

Um dos ramos é o *ariano* (gregos, romanos, godos, celtas, etc.); e o outro, é o *semita* (fenicios, judeus e arabes).

O *aria* criou a civilização greco-romana, o culto plastico da Forma, a beleza concebida dentro da Realidade

proxima e tangível (1), o Paganismo; o *semita* criou a civilização judaica, a Bíblia, o culto do Espírito, a unidade divina, a beleza concebida para além da Materia.

O *aria* cantou, nos cumes do Parnáso, a verde alegria terrestre, a infancia, a superfície angelica da Vida; o *semita* glorificou, nos cêrros do Calvario, a dôr salvadora que eleva as almas para o ceu, o sonho da Redempção, pelo sacrificio do individuo ao espirito (2).

(1) Do que fica dito, em outros capitulos, se depreende que admitimos duas realidades: a realidade — meio (*animal*) e a realidade — fim (*espiritual*).

Veremos adiante que este *dualismo* se converte em *unidade* no sentimento caracteristico da *alma patria*, tornando-a uma fonte inexgotavel de beleza e pensamento filosofico, religioso e social.

(2) É assim o amôr familiar e o amor patrio, representados por um identico sentimento de sacrificio, se christianisam; e aqueles dois amores tornam-se, como já dissemos, as duas primeiras formas do amôr a Deus que é a altitude ideal de todos os nobres sentimentos.

Vénus é a suprema flôr do Naturalismo grego; a *Virgem Dolorosa*, a suprema flôr do Espiritualismo judaico. A primeira representa o amôr carnal que continua a Vida; esta, representa o amôr ideal que a purifica e divinisa.

O *aria* (celtas, gregos e romanos) trouxe portanto, á Iberia, o Naturalismo, e o *semita*, (arabes e judeus) o Espiritualismo (1).

Povos d'estes dois ramos etnicos tão diferentes, misturaram-se na Peninsula, originando as antigas Nacionalidades que Castela submeteu á sua hegemonia, com excepção de Portugal. Todavia, conseravam uma certa independencia moral (2)

(1) Vid. «Espírito Lusitano», pag. 8 e 9.

(2) Principalmente a Catalunha, esse belo Povo nosso irmão, a quem devemos a mais fraterna simpatia, e ainda a Galiza que, em virtude da sua herança celta, tem o parentesco mais intimo com os povos do Minho. O rio d'este nome não separa as duas Provincias... A limpida corrente, reflectindo as duas almas, parece casá-las n'uma lagrima eterna de saudade...

revelada pelos idiomas ainda hoje falados na Hespanha.

Portugal resiste, ha oito seculos, ao poder absorvente de Castela. Demonstra este facto que, de todas as velhas Nacionalidades peninsulares, foi Portugal a dotada com mais força de character, de raça, isto é, com um mais profundo, original e definido espirito.

E este seu espirito, trabalhado depois pela Paisagem, resultou ou nasceu da mais perfeita e harmoniosa fusão que, n'este canto da Iberia, se fez do sangue ariano e semita.

Estes dois sangues, equivalendo-se em energia transmissora de caracteres ou energia hereditaria, ao crearem a Raça lusitana, deram-lhe as suas proprias qualidades superiores que, em vez de se contradizerem, — pelo contrario, — se combinaram amorosamente, unificando-se na bela criação da alma patria.

CAPITULO VII

DA ALMA PATRIA E SEU CHARACTER

Já vimos que a maior parte da paisagem portuguesa está d'acordo com o genio ariano e semita, pela apparencia alegre e dolorosa dos seus ermos montes ensombrados de arvores, subindo do idilio viridente das campinas, ou espraiaando-se em risinhos planaltos luminosos.

E' uma paisagem de contrastes que se abraçam e beijam com amor. Tambem a *alma patria é uma alma de contrastes que se abraçam e beijam com amor. E n'este amor que os casa, encontra ela, por assim dizer, a alma da sua alma, a parte mais etérea e sublime da sua fisionomia religiosa que ao Futuro compete definir, concretisar em formas de tangivel realidade.*

Na alma da Paisagem, como na alma do

Povo, existe Christianismo e Paganismo :
Religião.

A dôr múrmura dos pinheiraes som-
brios, a mágoa silenciosa dos ermos escal-
vados e o verde riso das campinas, repre-
sentam, na Paisagem, a tristeza espiritual
e o sentido alegre e plástico do mundo,
que dão vulto ao genio dos lusiadas.

*A alma patria é, portanto, caracterisada,
pela fusão que se realisou, na nossa Raça,
do principio naturalista ou ariano e do prin-
cipio espiritualista ou semita, e pelas qua-
lidades moraes da Paisagem que, em vez
de contrariar a herança étnica, lhe dá mais
vida e relevo.*

E este caracter do *genio lusiada* ideal-
mente se completa pela sua feição religiosa
que, absorvendo a ideia christã e pagã,
d'este dualismo extráe a sua unidade sen-
timental, aquele *sentimento saudoso das
Cousas, da Vida e de Deus*, que anima de
original e mística beleza a nossa Arte, a
nossa Poesia, Literatura e Christianismo.

CAPITULO VIII

MANIFESTAÇÕES DA NOSSA
ACTIVIDADE EM QUE MELHOR
SE REVELA A ALMA PATRIA

NA LITERATURA

« Quem lêr alguns dos nossos grandes escritores, Camões, Benardim, Antonio Ferreira, Gil Vicente, Vieira, Camilo e Antonio Nobre, vê que a sua sensibilidade é, por assim dizer, dualista; tem alma e corpo; vibra, com a mesma energia, ante a Forma e o Espirito. Quero dizer: a sua emoção nasce do contacto de suas almas humanas com a parte material e espiritual das cousas e dos sêres contemplados. E d'esses dois contactos resulta uma só impressão que lhes dá vida e actividade ao genio literario » (1).

(1) Vid. «Espirito lusitano», pag. 9 e «Genio português» pag. 117 a 171.

E digo *genio literario*, porque o escritor português é muito mais expontaneo e emotivo do que intelectual ⁽¹⁾, o que imprime verdadeiro encanto ás suas obras nascidas directamente da Inspiração e para sempre animadas do intimo lume de alma. Elas ganham, em viva expressão, o 'que lhes falta em força dialectica e constructora de pensamento. E por isso, em Portugal, é pequenissima a distancia entre a literatura culta e a popular.

O escritor português tem o sentimento inato da Paisagem, porque ela responde, n'uma voz profunda, ás suas intimas qualidades rálicas. Nos romances de Camilo, por ex., as personagens estão, para a terra

(1) Eis porque a ideia subentendida na Raça, o nosso *ideal colectivo* resultante da nossa natureza moral, vive disperso em nuvens de sentimento e vagas claridades instinctivas, na Arte e na Literatura. Dahi a sua existencia ignorada e incompreendida, que tanto compromete o progresso espirital e material da Patria que hesitou no seu caminho, transviando-se.

em que vivem, n'uma relação de parentesco apenas igualada pelas arvores... A *Mariana*, do «Amor de Perdição», é a mais pura flôr silvestre, a obscura flôr de sacrificio nascida para ser trilhada; a pequenina Virgem das nossas povoações ruraes, que tem, na sua beleza de humildade, aquele casto amor silencioso que se esconde no coração, e ali vive e ali morre...

A esta divina donzela camiliana, responde o Povo cantando:

Se eu te não amo devéras,
Deus do ceu me não escute,
Estrelas não m'alumiem,
A terra não me sepulte.

Eu fui aquela que disse:
Ou contigo ou com a terra!
Se não casasse contigo,
Queria morrer donzela.

O meu coração do teu
É mui ruim de afastar,
É como a alma do corpo,
Quando Deus a quer levar.

A *Joaninha* de Garrett, lembra uma Flôr desabrochando, a ouvir cantar um rouxinol...

E a *Menina e Moça* de Benardim é toda êrmo e crepusculo, queixume de zefiro outomnal... É a alma etérea dos êrmos corporisada em vulto de humana formosura...

Sobresáem, no romance nacional, os tipos femininos, porque a nossa sensibilidade pantheista visiona a creatura atravez da Natureza que é mulher.

Mas, na Poesia é que melhor aparece a alma d'um Povo, no que ela tem de mais profundo e misterioso.

É por intermedio dos poetas que o genio popular se vae definindo em figura viva, cada vez mais perfeita.

O poeta é o escultor espiritual d'uma Patria, o revelador-creador do seu character em marmore eterno de harmonia.

A Poesia é a mãe do Character; por isso, devemos considerar divina a missão

dos poetas, quando não mintam ao seu destino sublime.

Se a Sciencia é a realidade das cousas fóra de nós; a Poesia é a sua realidade dentro em nós. A Sciencia constata e vê. A Poesia vê também, mas os seus olhos iluminam, transcendentalisam a cousa contemplada, elevam o real ao ideal.

A Poesia é creadora, e as suas creações ficam a viver, a pertencer á Natureza que, n'elas, se excede e acrescenta ás suas formas objectivas do dominio scientifico, as suas formas de alma e beleza;—o *Reino Espiritual*.

A Poesia converte a materia em espirito; e, por isso, ela intervem na criação da *alma patria*, definindo e sublimando as suas qualidades, fixando-as no tempo e no espaço, pela beleza que as torna universaes e duradouras.

A obra mais representativa da Raça, por mais expontanea, é o *Cancioneiro Popular*. N'ele transparece encantadora-



mente a fusão dos contrastes: dôr e alegria, vida e morte, espirito e materia, e a propria divinisação da Saudade.

De qualquer sorte que existas
És a mesma Divindade;
Ventura quando te vejo,
Se te não vejo, Saudade!

O *Cancioneiro Popular* (1) não é apenas uma obra satirica e amorosa, como tem sido considerado: é, antes de tudo, uma obra religiosa, anunciando o nosso misticismo panteista.

Ó sol, torna-te amanhã,
Eu quero ver-te nascer!
Só a vós é que eu adoro,
Só por vós quero morrer!

Eu sou filho das estrelas,
Junto ao céu fui creado.
Perdi-me na noite escura,
Fui em teu peito encontrado.

(1) Vid. o meu artigo Camões e a Cantiga popular, coleção da «Agua» livro III, pag. 177.

Meu coração é um rio
Cheio de águas, mete medo!
Seca-se o meu coração,
Rega-se o teu arvoredo!

Os versos da ultima quadra, d'uma infinita grandeza cosmica difficil de encontrar nos maiores poetas do mundo, traduzem a paixão do amor sulcando o coração humano como um rio caudaloso. A agua do coração identificada com a torrente invernosa e regando os arvorêdos! O amôr e a dôr humana disputando ás nuvens a graça de fecundar e florir a terra! É o amôr saudoso ou panteista da alma popular cantando a Natureza e a Mulher.

No «Cancioneiro» ha tambem a tragedia, a Dôr em contacto com o Misterio:

Ó noite que vaes crescendo,
Tão cheia de escuridão,
Tu és a flôr mais bela
Dentro do meu coração!

N'esta cantiga se desvenda a qualidade sublime da *alma* popular, que integra a

dôr lusiada na dôr universal, e é mais um aspecto do seu *poder saudosista* cosmicamente representativo, e do seu parentesco intimo com as cousas.

O deus Pan, o velho deus alegre das florestas, espiritualizado, cobre-se de sombras, e aparece á alma do Povo. É o Mêdo profundo e mythico, povoando a noite de Aparições, dramatisando phantasticamente a Natureza. É o Mêdo que nos põe em conveniencia com o outro Mundo, com as almas bem amadas que partiram, *encomendadas*, de noite, pelo Quaresma, dos altos pincaros solitarios:

Irmãos! Alerta! Alerta!
Que a morte é certa
É a hora incerta!

E este *mêdo saudoso*, lusitano, fonte inexgotavel de Poesia, que atingiu na obra de Bocage uma das suas mais belas expressões liricas, não adquiriu ainda a sua forma verdadeira, — a forma drama-

tica e tragica; e por isso, o consideramos a origem futura d'um grande theatro português.

Este Mêdo, esta Dôr phantasma, terrível por indefinida, e anciosa por inatingível, não encontrou ainda o seu Eschilo.

O «Cancioneiro Popular» (1) tão pobre como Poetica, representa a maior riqueza de Poesia que possuímos. N'ele vive tão inteira a *alma patria*, que, pelo seu estudo, se pode reconstruir espiritualmente Portugal. E d'ele pode nascer o romance, o poema, a tragedia, o drama, a filosofia, a estatua, a lei do estado.

O *Cancioneiro* e a obra camoneana constituem os dois fundamentos indestrutíveis da nossa Raça. Logo que a Mocidade os compreenda, subordinando-lhes o seu espirito, e obrando a profunda reforma politica, religiosa, economica e litteraria de que a Patria necessita para se

(1) Vid. edição da Renascença Portuguesa.

erguer, definida e viva, da nodoa estrangeirada em que a deliram e apagaram, então, sim; voltaremos, de novo, a ser *Alguem*...

E com a poesia popular estão de acordo os nossos poetas verdadeiros. O seu lirismo elegiaco, desde Bernardim a Antonio Nobre é longinquo e nubloso: *sebastianista*. Dentro dele, paira a sombra do Mar, a Aventura na sua aurora de tristeza, a tentação do Remoto e do Misterio.

E o seu amôr é o *amôr saudoso*, o dolorido culto da mulher santificada pela ausencia (1), contemplada atravez d'uma lagrima que lhe transmuda o corpo carnal em vulto de lembrança. O coração portu-

(1) Eis a nossa costela quixotesca. Na verdade, Dom Quixote, atravez do seu divino creador, Miguel Cervantes, participa da alma galega, nossa irmã nos velhos celtas. D'ahi o seu valor peninsular. A Saudade não é estranha, a Dom Quixote, e Cervantes adorou Camões.

guês adora, sobretudo, a imagem da bem amada. Na sua intima tendencia mística despe a mulher do seu habito material e transitorio,

Chamáste-me tua vida,
Eu tua alma quero ser!

(Cancioneiro Popular).

para a contemplar, extasiado, na sua alma, na sua presença de saudade.

Este amoroso platonismo, este vago sentido etéreo das cousas na sua pureza imaterial e original, dá uma delicadeza divina á obra lirica da Raça, e é um signal da sua religiosidade saudosista. Por isso, todos os nossos liricos verdadeiros são poetas misticos. Divinizam o Amôr, imaterializando o seu objecto, por meio d'uma ausencia real ou imaginaria.

Tal sentimento da Mulher anima o nosso culto á Virgem Maria que se humanisa e aproxima de nós, com o Menino Deus nos braços, ou jaz petrificada de dôr aos pés da Cruz. É a Esposa casta e

a Mãe amantíssima, alma da Família, pes-
sôa espiritual de Deus:

E teu filho, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos ceus,
Virgem Maria.
Mansa pomba gloriosa,
Ó quão chorosa,
Quando o seu filho e Deos
Padecia!

(Gil Vicente).

Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso e com vinagre amaro
Matar a sêde ao Filho que paristes!

(Camões).

O *idealismo saudoso*, no qual se fun-
dem o espirito e a materia, a vida e a
morte, anima tambem o nosso misticismo,
o divino sentido da nossa alma,

Adeus, minha saudade
Espelho do meu sentido (1).

a essencia do nosso Christianismo.

(1) Vid. o cit. *Cancioneiro Popular*.

NA LINGUAGEM POPULAR

A linguagem popular é uma florescência espontânea da alma em casamento com o próprio sentir e a paisagem. É tão animada, que certas palavras, já mortas no Dicionário, ainda vivem, cheias de infância, nos seus dizeres.

Por isso, a linguagem popular é mais irmã do Verbo divino que a linguagem dos letrados. É a voz do sangue e da terra.

O Povo dá quasi sempre actividade ás cousas mortas, passivas, o que demonstra a natureza panteista do seu genio.

E as suas pitorescas expressões tão animadas das proprias cousas que traduzem! Como tudo vive nas suas palavras! Como as *videiras choram*, quando as fêrem; como as *flôres riem* no mez de abril; como as *nevoas avôam da barra*, pelo dezembro!

Ele emprega mais a palavra *remoto* que a palavra *distante*; ignora a palavra *solidão*, mas conhece a palavra *êrmo*. A sua extrema sensibilidade ao Misterio, creadora duma verdadeira Mitologia nocturna que tem como Jupiter, o Mêdo, prefere os vocabulos nublosos, porque a ideia de êrmo é a ideia de solidão obscurecida, e a ideia de distancia é a ideia mais clara de remoto.

O *pego* do rio, o *bóco* dos vales, as *horas mortas* da noite, o *nevoeiro* da manhã, são frases populares (1), dum misterioso e dramatico sentido, e é facil perceber-lhes a essencia da legenda sebastianista.

A frase, *as horas mortas da noite*, por ex., revela o poder plastico, naturalista, de origem ariana. Ao pronunciá-la, sentimos a impressão de que as *horas mortas da*

(1) Ha outras de grande valor representativo nas obras dos nossos grandes auctores, como *sol intimo*, de João de Deus.

noite têm figura, são lividos vultos silenciosos, vestidos de sombra, passando pela terra. Fazem medo!

E assim as palavras *pégo* e *bóco* desenhavam imediatamente a alma escura e lúgubre dos rios e dos vales.

Vê-se o poder de encarnação que modelou a figura do Encoberto, ao mesmo tempo, sublimada pelo seu destino redemptor.

Um *saudoso sentimento* ⁽¹⁾ das cousas

(1) Se existe um *sentimento romantico*, um *sentimento realista*, etc., tambem ha um *sentimento saudoso*, que explica o nosso amôr, idealismo, misticismo, isto é, a nossa atitude espiritual perante a Vida. Se o Espirito resulta d'um movimento reflexo da Vida sobre si propria e as suas formas ateriores ou materiaes, este movimento é um acto de *lembrança desejosa*. O Espirito é, portanto, o *estado saudoso* da Materia; e a consciencia é tambem um fenomeno de saudade . . . é esperança que se lembra . . .

Eis porque o Espirito incluye uma *tristeza saudosa* em que ele envolve Deus, a vida e as cousas. Esta tristeza adquiriu estranho relêvo no genio dos lusíadas, em virtude de causas étnicas e de meio a que já nos referimos.

murmura em varios dizeres da Linguagem popular, denunciando tambem a materia original do nosso genio.

NAS PALAVRAS INTRADUZIVEIS
OU NO GENIO DA LINGUA

O genio da Lingua é a essencia espiritual emanada dos seus vocabulos intraduziveis, que se pode sintetisar n'uma expressão mais ou menos definida.

Na Lingua portuguesa ha um certo numero de palavras altamente expressivas do que a nossa sensibilidade possui de mais intimo e caracteristico, e, por isso, sem equivalentes nas outras Linguas.

Mas nós conhecemos ainda uma celebre palavra animada pelos dois principios religiosos que definem a alma patria.

Não precisamos de reunir varios sentimentos comuns dos portugueses, para com eles desenharmos o seu caracter mo-

ral. Conhecemos um que o define por completo. Refiro-me á Saudade.

Analisa-e-a e vereis logo os elementos que a formam: *desejo* e *lembrança*, conforme Duarte Nunes de Leão; *gôsto* e *amargura*, segundo Garrett.

O *desejo* é a parte sensual e alegre da Saudade, e a *lembrança* representa a sua face espiritual e dolorida, porque a *lembrança* inclue a ausencia d'uma cousa ou d'um sêr amado que adquire presença espiritual em nós.

A dôr espiritualisa o desejo, e o desejo, por sua vez, materialisa a dôr. Lembrança e desejo confundem-se, penetram-se mutuamente, animados da mesma força vital e assimiladora, e precipitam-se depois n'um sentimento novo que é a Saudade.

Pelo desejo e pela dôr, a Saudade representa o sangue e a terra de que descende a nossa Raça.

D'esta forma, aqueles dois ramos étnicos que deram origem aos povos latinos, encontraram na Saudade e, portanto, na

alma portuguesa, a sua divina síntese espiritual.

A Saudade pelo *desejo* (desejar é querer e querer é esperar), em virtude da propria natureza do *desejo*, é tambem a esperança, assim como é *lembrança* pela dôr.

Pela esperança e pelo desejo, a Saudade é Venus; pela dôr e pela lembrança, é a Virgem Dolorosa.

As duas Deusas confundem-se n'este sentimento essencial dos lusiadas, originando uma nova Divindade que é o simbolo vivo da *alma patria*.

Mas, para além deste aspecto definido e revelado da Saudade, existe ainda a sua feição misteriosa, vaga e indefinida, que devemos perscrutar em outros vocabulos intraduziveis, como *remoto*, *êrmo*, *oculto*, *luar*, *nevoeiro*, *mêdo*, *sombra*, etc. (1)

Assim, *o genio da nossa Lingua é o dom especial que ela tem de traduzir o*

(1) Veja-se o Genio Português, pag. 27 a 33.

sentimento saudoso da Natureza animada e inanimada.

NA FILOSOFIA

O genio lusiada é mais emotivo que intelectual. Afirma e não discute. Quando uma ideia se comove, despreza a dialectica; e é *sendo* e não *raciocinando* que ela prova a sua verdade.

A emoção afoga a intelligencia, ultrapassando-a como força criadora. E assim, corresponde á nossa superioridade poetica, uma grande inferioridade filosofica. O português não é nada filosofo; a luz do seu olhar alumia mais do que vê; não abrange, n'um golpe de vista, os conhecimentos humanos, subordinando-os a uma logica perfeita e nova que os explique e organise em corpo de harmonia.

O português não quer explicar o mundo nem a vida, contenta-se em vivê-la exteriormente; e tem, por isso, um verda-

deiro horror á Filosofia, imaginando encontrá-la em tudo o que não entende.

Este defeito grave, acendendo-lhe a luz do coração, não a torna reveladora e constructiva de novas verdades que representam o mobil superior do Progresso.

Mas haverá um pensamento português? Ou antes, a alma patria, que nós conhecemos na sua ingenua expressão sentimental e poetica, tornou-se já consciente, formulando a sua ideia da Vida e do Universo? Podemos responder que, em Oliveira Martins e Anthero de Quental, ela começa a cristalisar em consciencia filosofica, extraindo do seu originario misticismo naturalista (lirismo camoneano e popular) um alto pensamento interpretador e orientador da Vida.

Anthero vislumbrou o casamento do Hellenismo com o Christianismo nos seus trabalhos filosoficos; e Oliveira Martins, d'acordo com o sublime poeta dos sonetos, nos seus trabalhos sobre *Anthropologia* e

as *Raças Humanas*, genialmente esboça a teoria da evolução creadora, attribuindo ao homem uma qualidade moral especifica, *sui generis*, que a evolução lamarckiana ou a mecanista dos sêres não explica.

E n'este criterio existe um idealismo naturalista (porque admite, como resultante das forças vitaes, um fenomeno supra-natural) que é a fonte de algumas modernas tentativas filosoficas, entre as quaes se destaca o *Creacionismo*, de Leonardo Coimbra.

Já nitidamente se vê a aurora d'um pensamento português, o qual representa a cristalização luminosa da penumbra sentimental e originaria do ingenito lirismo religioso e saudoso dos lusiadas.

NA JURISPRUDENCIA

É certo que a nossa jurisprudencia deriva das leis godas e romanas, e a dos ultimos tempos não é mais que uma copia inferiorissima de leis estrangeiras que

desnaturaram por completo o corpo juridico do estado.

Mas ha leis na nossa antiga legislação, como as primeiras leis protecionistas do comercio maritimo (côrtes de Atouguia) e do desenvolvimento da agricultura, que nasceram directamente do instincto que teve Portugal, depois de se fixar como Patria, de se defender e consolidar. Ele começou por crear a familia rural, ligando-a à posse duradoura da terra. Assim, entre nós, o *morgadio* teve como origem uma lei (lei avoenga, da 1.^a Dinastia); isto é, a propria vontade humana que soube descobrir qual a base primeira de uma Patria: a Familia rural independente e estavel pela posse perpetua da terra. Essa lei brilha como uma estrela no inicio da nossa Historia.

Temos ainda os foraes e os principios de direito politico estabelecidos nas antigas *côrtes*, revelando o espirito de independencia e liberdade que animou sem-

pre a alma popular. Ela intervinha no governo do Paiz, fazendo depender tambem da sua vontade, não apenas a successão do throno, mas todos os actos de interesse geral que o Rei praticasse: fazer a guerra e a paz, lançar impostos, etc.. E exercia ainda uma esperta vigilancia sobre o procedimento dos homens de estado, alguns dos quaes fôram acusados e condemnados!

Em plena Edade Media, emquanto outros Povos gemiam sob o pêso do poder absoluto, impunhamos á nossa Monarchia a forma condicional: o Rei governará se fôr digno de governar, e governará d'accôrdo com a nossa vontade, expressa nas *côrtes geraes* reunidas annualmente.

E temos ainda varias leis antigas emanadas do *Costume*, as quaes receberam d'ele uma nuance original que tambem caracteriza o genio português.

NA ARTE

Nuno Gonçalves (pintor), Soares dos Reis (escultor), Oscar da Silva (compositor musical).

Estes artistas (além d'outros), deram á côr, ao marmore e ao som aquele *senti-mento saudoso* das cousas e da vida, que mostra, a uma luz de beleza original, o intimo perfil do nosso espirito.

NA LEGENDA

Vid. Sebastianismo, Apparição de Ourique e outras lendas populares reveladoras tambem da alma patria.

NAS FRAZES CÉLEBRES

São as frases de *certos heroes, proferidas nos instantes sublimes da vida perante a morte, e nas quaes a alma*

humana atinge o relevo mais puro e transcendente.

N'elas perscrutamos, como nas obras do Genio, a profunda intimidade religiosa da creatura e o que ela tem de mais comum á vida espiritual da sua Raça e do Universo.

Tu tremes, carcassa? Que farias tu, se soubesses onde te vou levar! exclamou Touraine a caminho da batalha.

N'estas palavras se percebe o genio gaullez sublimado, a ironia da alma incidindo, como um raio divino, sobre a fraqueza corporal. É a auto-caricatura d'um heroe, na qual o seu espirito contempla, de imensa altura, o proprio corpo miseravel; e, doloroso, ri do seu temor...

Mac-Mahon, de origem ingleza, commandou o assalto ás trincheiras de Sebastopol, na guerra da Crimêa. Quando os soldados ultrapassaram as primeiras muralhas, ficou de pé sobre elas, afron-

tando as balas do inimigo. E como o aconselhassem a abrigar-se do fogo, respondeu: *j'y suis, j'y reste.*

Esta frase, em que a suprêma coragem congelou, revela o genio do Norte, na sua forma de heroismo; aquele genio que resume no minuto d'uma palavra mezes e annos de silencio.

Em Alfarrobeira, o nosso Conde de Avranches, vendo o seu irmão de armas já morto e sentindo-se cansado de lutar em nome da valorosa Lealdade, exclamou, entregando-se ás lanças da canalha: *Ó corpo, não podes mais! E tu, alma, já tardas!*

Touraine, deante da Morte, escarnece o mêdo do seu corpo; Mac-Mahon atira ao rôsto da Morte a sua fria indiferença; Alvaro Vaz d'Almada invoca a Morte como libertadora da alma, e á sua miseria e fraqueza corporal, dirige palavras tristes de perdão.

Se aquella frase anuncia o desejo de abandonar um meio em que trium-

phava a plebe ignára, inimiga de tudo o que é grande e generoso e belo, mostra também a natureza essencialmente religiosa da alma patria, encontrando em Deus o mobil da sua actividade. Assim, D. Sebastião, em Alcacer, perdida toda a esperança, voltou os olhos para o Céu. E foi este sentimento sublime que, já doente de tédio e scepticismo, disse, pelos labios de Herculano: *Isto dá vontade de morrer!*

NA RELIGIÃO

Entre a Poesia e a Religião ha estreitos laços de parentêscio. O verdadeiro sentimento poetico é sempre religioso, porque transcende a realidade sem a desnaturar.

Deus é o Homem infinito. E o poeta fala, entre os homens, a linguagem de Deus, para que eles se reconheçam na sua propria natureza etérea e progridam moralmente. O poeta auxiliando a alma popular no seu doloroso e obscuro traba-

lho revelador, mostra-lhe o rumo divino que ela deve seguir, acende-lhe nos olhos a visão perfeita do Amôr e de todos os sentimentos que nimbam de eterna claridade a noite da alma humana.

Quem fez comunicar os homens com Deus foi o poeta. E os homens, desde então, conceberam, além da sua miseria animal e individual, uma vida eterna e perfeita, esse longinquo centro de gravidade para que tendem as almas, e do que resulta a harmonia e a beleza das suas ações... As almas, assim como as plantas, necessitam dum Sol remoto e esplendoroso que as floresça.

O homem religioso viverá com alegria, porque viverá integralmente a sua vida, não a partilhando com a morte. A alegria de viver é viver a vida em absoluto. O que nos entristece e anoitece, é a vida que deixamos de viver; e, offendida, nos magôa... O que, sobre o nosso esqueleto, substitue a sombra pela carne, é a capacidade de sonho religioso, de divina aspiração

que eleva a nossa presença individual a Deus, á Família e á Patria, e nos obriga a cumprir alegremente a lei do sacrificio.

A essencial original e livre ⁽¹⁾ da *alma patria*, deu originalidade e independencia ás nossas Letras, á nossa Arte, á nossa Politica e tambem á nossa Religião.

É certo que a primitiva Igreja lusitana viveu, durante muitos seculos, separada de Roma, e foi só por interesses politicos que Affonso Henriques a submeteu á Curia ⁽²⁾.

Esta Igreja pertence á nossa tradição e é uma das provas mais eloquentes do *espírito de liberdade* que caracterisou a nossa Raça.

Da sua reconstituição depende tambem

(1) A verdadeira independencia consiste em vivermos á nossa custa economica e moralmente; e a verdadeira liberdade consiste em obrarmos em nosso proprio nome, em sêrmos nós em nossas obras e pensamentos.

(2) Vid. *Espírito lusitano*, pag. 15.

o patrio renascimento, concorrendo tal facto para a cultura religiosa do Povo que se tem abastardado, n'um grosseiro scepticismo destruidor d'aqueles nobres sentimentos que criam, no sêr individual e animal, o sêr espiritual, a pessoa divina: o Pae, o Patriota e o Homem.

É preciso que o Povo encontre o culto religioso dos seus Avós,—daquela Alma primitiva que, d'entre a confusão das raças da Iberia, ergueu bem alto a sua presença livre e inconfundivel,—primeiro na figura homérica de Viriatho e depois em Affonso Henriques, esse rude estatuário d'uma Patria que as ultimas gerações têm mutilado.

É tão vivo em nós o espirito de independencia religiosa, que os nossos melhores theologos sempre defenderam principios d'acordo com a autonomia da nossa Igreja. Assim Diogo Paiva de Andrade, Frei Bartholomeu dos Martires e o celebre theologo Antonio Pereira, n'um tempo em que era absorvente o poder papal e o jesuitico, de-

fenderam todos os principios libertadores e nacionalisadores da Igreja lusitana, a qual consiste na *congregação do Povo unido aos seus Bispos cuja jurisdição eles recebem directamente de Christo e não do Papa. E o poder dado por Christo aos Bispos é, em si, um poder absoluto e sem limites, por ordem ao governo de cada diocese. O Bispo é o Prelado supremo da sua diocese, e só a Deus deve dar contas do que faz. No episcopado se encerra todo o poder espiritual que Christo deixou na igreja, e o titulo Vigario de Christo pertence a todos os Bispos e não somente ao Papa.* (Vid. Tentativa Theologica de Antonio Pereira).

Taes principios defendidos pelos nossos melhores theologos, demonstram que sempre existiu, em Portugal, muito vivo, aquele espirito de independencia religiosa que é a alma do nosso Christianismo familiar e patriotico e um dos mais belos attributos da Raça.

A ideia de Familia e a de Patria li-

gadas á ideia de Deus, representam uma hierarchia espiritual e divina que se não deve destruir. Por isso, a verdadeira igreja christã é sempre nacional, como ainda hoje a igreja inglesa e outras.

Ao racional e culto aspecto da nossa Religião, corresponde logicamente o seu aspecto sentimental e popular. A alma do Povo e a intelligencia dos theologos estão em perfeito acôrdo.

Aquela, não reconhece tambem a supremacia romana e o seu respeito pelo clero nacional depende das suas boas qualidades moraes. Se interrogardes o nosso Povo do Norte sobre se acredita em Deus e nos padres, é raro o homem que não responde: *em Deus acredito, mas os padres são homens como nós...*

Todavia, se o padre fôr digno e caridoso, receberá das suas ovelhas o mais sincero amor e respeito; mas, se fôr um

homem como os outros, será mal visto e mesmo satirisado :

Todos os padres de missa
Aos infernos são chamados;
Inda eles têm mais filhos
Que os homens que são casados.

Canta o pardal no loureiro,
O rouxinol na silveira,
Os padres cantam no côro,
Rogam a Deus por dinheiro.

O padre quando namora
Logo põe a mão na corôa,
Namora, padre, namora,
Que Roma tudo perdôa.

(Cancioneiro Popular).

Esta alusão satirica ao Papa e as outras quadras mostram que o Povo adora a Deus por simples virtude da sua alma religiosa, sem intermediarios, de cuja natureza humana desconfia.

E o que dá independencia religiosa ao

seu espirito, é a *essencia de saudade* que o anima.

Quem estudar as lendas e as festas populares (romarias) logo vê o nosso Cristianismo colorido de vivas tintas pagãs:

Nossa Senhora da Veiga,
Ela lá vae Douro acima,
Com a cestinha no braço
Fazer a sua vindima.

Lá vem o Baptista abaixo
Vestido de azul ferrete;
N'uma mão traz a custodia
E na outra um ramallete.

Desceram do céu á terra
Dois Anjos embaixadores,
A buscar a Primavera
Que lá no céu não ha flores.

(Cancioneiro Popular).

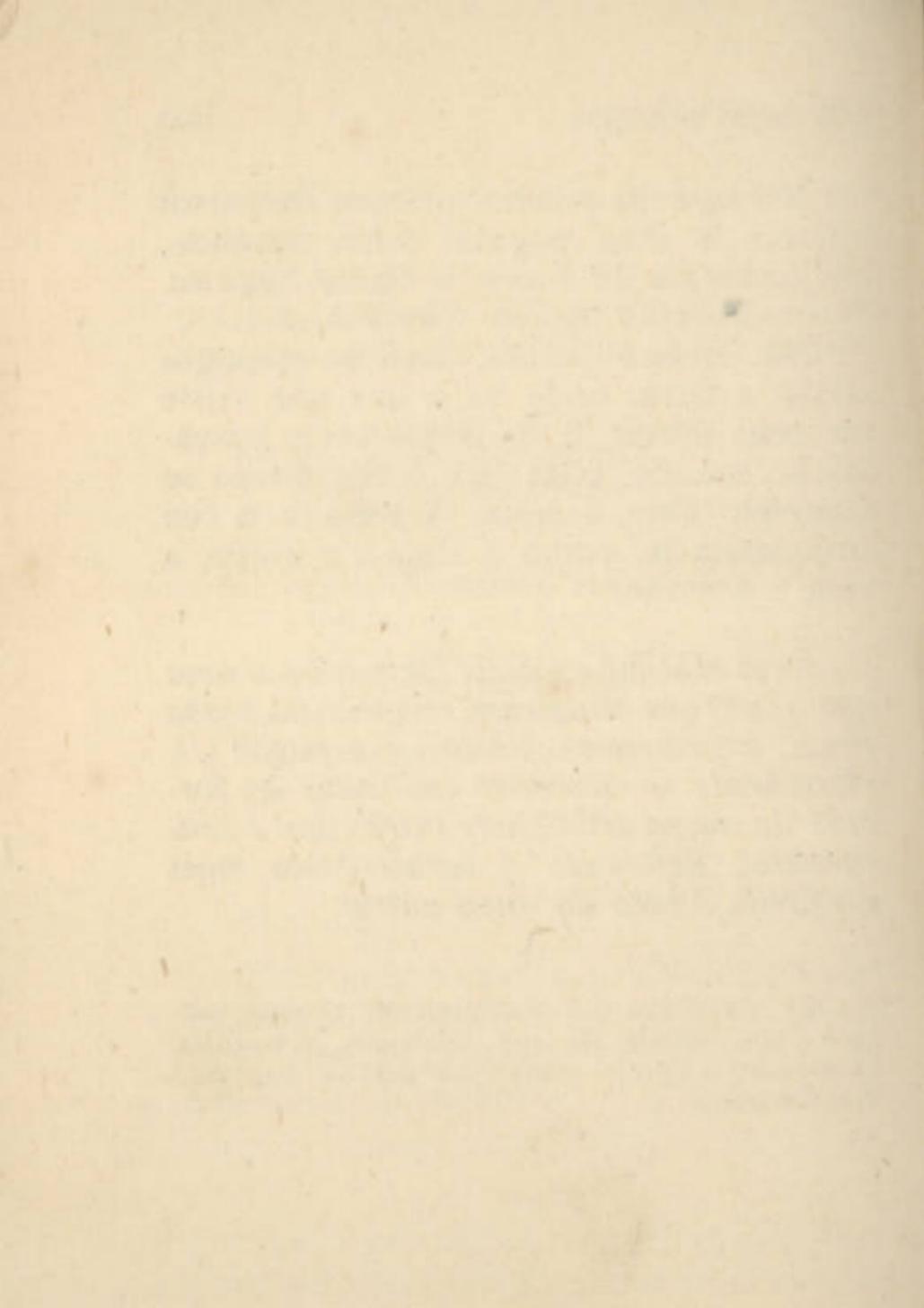
Na primeira quadra, a embriaguez dionisiaca tinge de alvoroço alegre a celeste figura da Virgem que vae colher o negro fructo da Alegria...

Na segunda quadra, o Santo Percursor aparece á alma popular como trazendo, no emblema de Flora, o Santo Espirito. É o casamento do ceu com a terra...

Na terceira quadra, mais se consagra ainda a terra, onde ha o que não existe no ceu: flôres! E os Anjos veem buscá-las ao mundo, para que o ceu divino se complete com a terra. A terra e o ceu completam-se, como a alma e o corpo, a vida e a morte.

Esta sublime unidade (promessa d'uma nova Luz) que atingiram, no genio da nossa Raça, o principio christão e o pagão (1), claramente se descobre em todas as formas da nossa actividade intelectual e sentimental, definindo a carateristica mais profunda e bela da alma patria.

(1) Já vimos que o sentimento religioso lusitano, em virtude da sua tendencia naturalista, humanisou a Egreja, tornando-a familiar, patriótica e anti-romana.



CAPITULO IX

QUALIDADES DA ALMA PATRIA

Estas qualidades resultam naturalmente do seu *caracter saudoso* que fica estudado.

Para maior clareza do nosso trabalho, distinguiremos entre o termo *caracter e qualidade*.

Aquele, significa, por assim dizer, o desenho intimo da *alma patria*, que se exteriorisa por meio das suas qualidades em acção: *genio de aventura, espirito mesianico, sentimento de independencia e liberdade*.

GENIO DE AVENTURA

E' a força que leva o homem a arriscar a sua vida individual, para conseguir determinado fim de utilidade colectiva.

Representa a *nuance* que adquiriu, na

nossa raça, aquele espirito de sacrificio que é proprio do sêr animal e individual, a quem pertence firmar, sobre o seu trabalho e a sua morte, as vidas moraes superiores, a que nos temos referido.

No grande Periodo, cumprimos a Lei de sacrificio, sob a forma de Aventura, emquanto que os Povos do Norte, por exemplo, cumprem esta Lei d'um modo sereno e persistente, caracterisado pela Disciplina.

Nós cumprimo-la, guiados por uma força de instincto, em impetos de expansão dominadora. O instincto conhece a realidade melhor que a intelligencia; mas esta calcula e procede, sem recorrer ao Acaso, evitando as quedas que, ás vezes, soffre o *genio de aventura*.

A nossa herança celto-latina e arabe, a nossa alma de saudade, de ancioso aspirar indefinido, subordinou-nos áquele génio. Tentar destrui-lo é inepecia e loucura, porque ele faz parte integrante da

nossa natureza. De resto, é uma forma da actividade humana; e por isso, devemos cultivá-lo, amoldando-o, sem o desnaturar, a uma disciplina concordante, *consentida*, compatível com o poder de iniciativa.

É assim, o *genio de aventura* tão animado de liberdade, por virtude da sua propria natureza novamente desperta, seria a propria alma patria, soma electiva das nossas almas individuaes, n'um constante labor e aspirando a um fim comum.

ESPIRITO MESSIANICO

A palavra *messianismo* sentiu-se pervertida no seu significado que se tornou mais ou menos politico e eleitoral.

É preciso reintegrá-lo na sua virtude, já que ele representa a qualidade mais transcendente da *alma patria*.

Por meio d'este *espírito messianico, redemptor*, ela vê que lhe compete realizar aquella missão de Renascença a que

nos referiremos adeante—missão que resulta do seu proprio caracter de saudade.

O *Messianismo* aparece com o desastre de Alcacer Kibir, porque a dôr, acordando novas qualidades no homem, transcendentalisa as que ele já possuia. A dôr é como um veneno contendo o seu antidoto; esconde na treva de que é feita a materia d'uma nova luz.

E assim, o genio de Aventura, caindo desbaratado, elevou-se depois, religiosamente, em espirito messianico; e abdicou, n'este espirito, o seu poder.

A Esperança dominadora fez-se lembrança extatica. A alma patria contemplou a altura d'onde caiu.

Dolorosa e sublime contemplação creadora d'um novo desejo de subir. Aquele seu genio de aventura, que era o esforço dos individuos, concentrou-se n'um homem, e n'ele se espiritualizou, deificando-o.

Os lusiadas sumiram-se na grande sombra do Encoberto . . .

Conhecendo nós os caracteres religiosos da Raça, nos quaes, o amor familiar e o patrio amor se divinizam, devemos supôr que o *messianismo* existia latente ou adormecido *no genio de aventura*, possuindo este a faculdade de se transformar n'aquelle, sob a tragica influencia da Derrota.

É, portanto, *o Messianismo a espiritualisção da Aventura, a sua incidencia religiosa no Infinito, o mobil humano divinizado e individualizado superiormente; o ideal de familia e patria excedido.*

Se esta *qualidade* tem sido uma cousa vaga, pela nevoa sebastianista em que ela se indefine, podemos, todavia, presentir as formas da sua futura cristalisação, isto é, aquelle ideal de Renascença de que trataremos em outro capitulo.

SENTIMENTO DE INDEPENDENCIA
E LIBERDADE

As duas qualidades já referidas dimanam d'esta que as incluye e lhes deu energia e vida propria, afirmada pela nossa autonomia religiosa, politica, literaria e artistica.

Independencia, liberdade, quer dizer vida; e vida quer dizer—concordancia entre o *meio* e o *fim*, obediencia do *condicional* ao *absoluto*, sacrificio do inferior ao superior, do *creador individual* e animal á *creatura espiritual*.

A independencia e a liberdade da Patria exigem a escravisação dos individuos a esse Ideal. A liberdade e a independencia, pela sua transcendente natureza, não se devem realisar em nós, que sômos o inferior material, o transitorio, o contingente, mas, sim, na grande Familia a que damos origem, na Patria,—sêr espiritual e pessoa de Deus.

Por isso, *a liberdade do individuo* (1) *não pode ultrapassar a obrigação de proceder em harmonia com os interesses da colectividade.*

A liberdade, excedendo estes limites, torna-se n'uma força destruidora, egoista e materialista, sacrificando o espirito ao animal, o absoluto ao contingente, a Patria e a Familia aos individuos. Esta liberdade quer dizer morte.

O antigo português foi livre no sentido verdadeiro da palavra. As Descobertas nasceram da sua propria energia creadora. Nas côrtes falava, rôsto a rôsto, ao Principe e a sua lança, cravada na fronteira assegurou a Portugal a nobre independencia garantida pelo espirito de sacrificio.

Portugal foi livre, emquanto foi português nas suas obras; emquanto soube

(1) Liberdade no sentido politico.

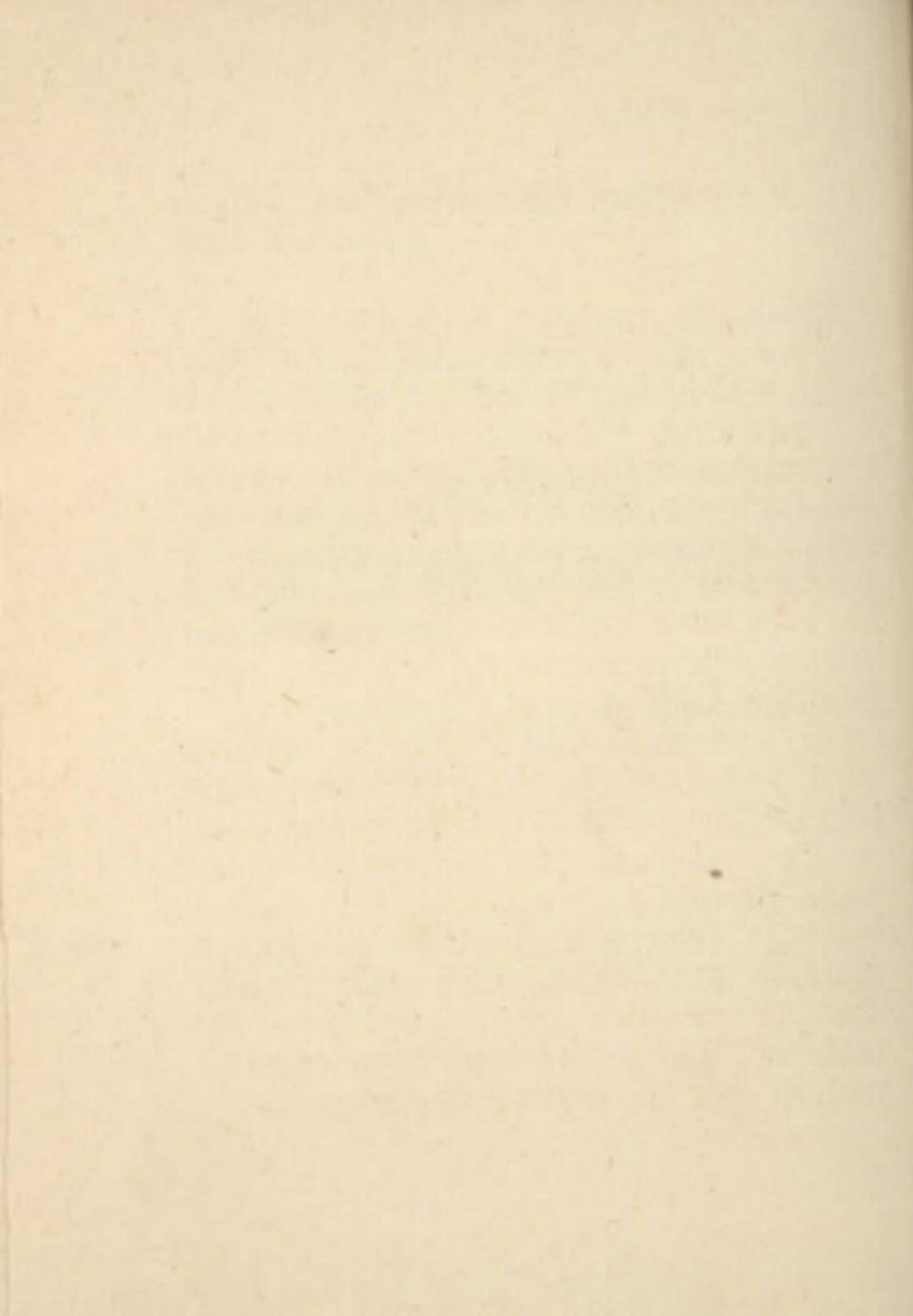
realisá-las, obedecendo apenas á sua Vontade victoriosa.

Sem actividade creadora não ha liberdade nem independencia. Cada instante de liberdade é preciso construi-lo e defendê-lo como um reduto. Ele representa um *estado de esforço* alegre e doloroso; alegre, porque dá ao homem a consciencia do seu valor; e doloroso, porque lhe exige trabalho nos dias de paz e a vida nas horas de guerra.

A escravidão é feita de descanço e de tristeza.

CAPITULO X

DEFEITOS DA ALMA PATRIA



Depois das suas virtudes, será também útil falarmos dos seus defeitos. Estes encontram-se presentemente nas pessoas dos portugueses : vivem. Aquelas, existem hoje na Literatura, na Arte e na Poesia ; têm apenas uma existencia de Pantheon, como os ossos de Herculano.

E se é certo que do *peor* se caminha para o *melhor*, deveríamos talvez tratar primeiramente dos *defeitos* da nossa Raça.

De resto, eu creio mesmo que o homem possui as qualidades dos seus defeitos . . . É possível que d'estes, resultem aquelas, por contraste ou evolução creadora. Pode ser que o Bem não seja mais do que o Mal superiormente degenerado. Não foi assim, por degenerescen-

cia electiva, que o homem se destacou do orango ?

Se admitirmos esta teoria, o que nos não repugna, temos de olhar os nossos defeitos com esta vaga e luzitana consideração devida ás cousas ruins:

Comtigo, Senhor Diabo,
Antes de bem que de mal . . .

(Dictado popular)

O bom senso nacional conciliou o culto divino e o malefico.

Deus e o Demonio são incompativeis em toda a parte, excepto em Portugal.

Um chabo
Ao diabo
Sempre se deu . . .

(Dictado popular)

Este *bom senso* deriva do nosso caracter espiritual e sensual. E eis a nossa

comedia que se opõe, retemperando-o, ao tragico aspecto da nossa alma, dominada pelo Mêdo misterioso . . . Ao Mêdo, que é tambem o Demonio, prestamos um culto corruptor. No seu altar phantastico retine o cobre da nossa esmola . . .

É o bom senso do Povo, o espirito da sua comedia, a origem gloriosa da sua democracia medieval.

O Rei, por graça de Deus, governava conforme a vontade popular . . . ou demoniaca. Nas *côrtes geraes*, a voz do Inferno casava-se com a voz divina. E os dois principios contrarios do *Direito politico*, em nome do bom senso, harmonisaram-se. Portugal viveu, então, politicamente uma vida superior que depois degenerou, passando o governo para a familia real, e d'esta para uma familia qualquer de apelido mais ou menos burguês e vegetal.

A antiga concordia entre a *Unidade* disciplinadora e a livre *Iniciativa* quebrou-se, estabelecendo-se a confusão do Cahos, no qual os elementos dissolvidos

procuram animar-se d'uma nova *Simpatia* que os individualise e organise.

FALTA DE PERSISTENCIA

Podemos dizer que o *genio de aventura* é uma virtude d'este defeito. A aventura não tem continuidade na sua acção. Opera por impulsos que nem sempre se coordenam para um determinado fim. E por isso, a obra empreendida, muitas vezes, morre no seu inicio.

Quando uma virtude ou qualidade enfraquece, logo o seu defeito originario ganha maior vulto. E assim o *genio de aventura*, decaído, transformou-se na mais completa falta de persistencia. Ela aparece em todas as manifestações da nossa actividade, a cada passo interrompida ou abortada, o que a torna tristemente caricatural.

Ei-la vagueando o seu desanimo, pelas estradas que pararam, mortas de cansaço,

a dois kilometros do ponto de partida. E vive n'um belo edificio publico sem telhado... Sósinha? Não: com a sua bem amada companheira, a *vil tristeza*, apesar de ser tão velha que já Luiz de Camões a conheceu...

VIL TRISTEZA

Tambem se pode dizer que a saudade é a virtude d'este defeito.

A vil tristeza, a *tristeza má sem alma e corpo*, representa a saudade cadaverica, dentro d'um caixão.

Que tragedia, a terrivel ausencia da nossa alma! o somnambulismo automatico em que vagueia a nossa Patria sem destino, tão aleijada e apagada de feições que é difficil reconhecê-la! Será ela? Não será?

O incolor, o insipido, o inodoro esfumam, em nódoa pálida e fria, seu vulto mortuario, errando ao sabor d'aqueles que exploram a sua morte...

A saudade, no mais alto sentido, significa a divina tendencia do português para Deus; na sua expressão decadente, patologica, representa a tendencia do português para o phantasma . . .

INVEJA

O sentimento de independencia, o poder de individualidade, é tambem a virtude d'este defeito.

A *vil tristeza* apagou-nos o character, o dom de ser. Sômos phantasmas, querendo iludir a sua ôca e triste condição. Por isso, o valor alheio nos tortura, revelando, com mais clareza, a nossa propria nulidade.

A inveja é ainda uma reacção do individuo contra a morte; e a calunnia é a sua arma . . .

Imaginamos, embora erradamente, que a ausencia de sêres vivos, em volta de nós, dá ao nosso sêr presença viva.

A Inveja! Nós vêmo-la, nas trevas, fa-
rejar: é um esqueleto de hiena visionando
um cemiterio...

Eis a inveja da vil tristeza, a inveja
decadente, amortecida, afinal, no seu vigor
de outrora. Ela teve também a sua época.
Encontrou a sua encarnação heroica em
João das Regras. N'esse tempo vivia e era
alguem. Mostrava as garras que se crava-
ram no proprio escudo de Nunalvares.
E, orgulhosa dessa empreza, ladrou furi-
bunda aos calcanhares de Camões e de
Bocage.

VAIDADE SUSCEPTIVEL

É outro defeito muito vulgar num
Povo que foi grande e decaiu. Inferior
e pobre, considera-se ainda possuidor dos
bens arruinados. Continua a viver, em
sonho, o poderio perdido. Mas, como

toda a vida phantastica presente o proprio nada que a forma, torna-se, por isso mesmo, duma susceptibilidade infinita, sangrando dolorosamente, ao contacto de qualquer coisa de real que, junto d'ela, se ponha em contraste revelador da sua illusoria apparencia.

O português é um herdeiro esbulhado dos seus bens materiaes e espirituaes. Mas vão dizer-lhe que é pobre! Suprêma offensa! Ele não ignora a sua pobreza, porque é vaidoso, mas quer que os outros a ignorem; e serve-se, para isso, de todos os meios que iludem, creando o seu drama em que é auctor e actor. E engendra mil preconceitos, fórmulas, propicios á atmosfera de illusão em que pretende viver acompanhado... E assim, o arrastar d'uma espada já imprime heroicidade, dois têrmos de tecnologia scientifica imbutidos na prosa amorfa de jornal já fazem o sabio, como duas rimas banaes fazem o poeta, e um correio a cavalo uma entidade superior do estado.

Elevamos chimericamente as pequenas coisas de hoje á grande altura das antigas. Fingimos a grandeza e o valor perdidos. Representamos, emfim, o nosso Drama de sombras, que dá um pouco a vida humana depois da Queda . . .

INTOLERANCIA

Este defeito representa uma forma da *vaidade susceptivel* que se alimenta da sua chimera dolorosa. Quem duvida do proprio valor, não pode suportar a duvida alheia que lhe diz, em voz alta e clara, o que ele mal se atreve a murmurar.

Mas a *intolerancia* tem outra origem mais positiva; é ainda um processo de defendermos os nossos interesses.

Se é uma utilidade para mim a seita (politica, religiosa, etc.) a que eu pertenço, os principios que esta segue, compete-me torná-los dogmaticos, representativos d'uma

verdade absoluta, indiscutível. Sim... porque discutir uma ideia é já pô-la em duvida, isto é, em perigo de vida. E eu preciso defender aquilo que me convem...

O Deus dos padres e a Liberdade dos politicos, para eles, são coisas indiscutíveis, — quero dizer, essenciaes á existencia das suas egrejas sagradas e profanas, pelo magico poder de encanto e dominio que exercem na alma popular, cuja suprêma aspiração consiste em viver uma vida eterna e livre.

Uns prometem a Liberdade, os outros prometem Deus; e, suspensa de tal promessa, conseguem ter obedientes aos seus designios a eterna creança ludibriada, — o Povo.

A intolerancia defende os interesses d'uma seita e imprime á creatura o mais odioso facies de estupidez! O seu gesto aggressivo, quando a contrariam, tem o quer que é de chama inquisitorial que nos queima e afasta para longe... D'ahi as

perturbações terríveis, destruidoras da mutua simpatia indispensavel á vida em comum, áquela união dos individuos que organisa as sociedades.

A intolerancia é a alma negra da anarchia.

ESPIRITO DE IMITAÇÃO

Quando o character adoece e se dilue, é natural que o espirito de iniciativa dê lugar ao espirito imitativo ou siamêsko. A degenerescencia inferior apaga os valores adquiridos, (que se conservam, em nós, como que n'um estado de esforço) e desperta as qualidades primitivas. Sempre que o homem hesita na sua humanidade, apparece o macaco. Ele persegue-nos constantemente, vigiando-nos, e aproveitando o primeiro descuido da nossa pessoa, para se lhe substituir.

Mommsen dizia que a Allemanha, nos seus periodos decadentes, imitava a me-

diocre civilização franceza. Este grande historiador também era um pangermanista feroz, tinha assanhada carne de allemão, o que o fez *patrioticamente* falsear a verdade, quando estudou a civilização dos celtas.

Todavia, ele nota muito bem que a decadencia d'um Povo destroe-lhe o espirito de invenção e iniciativa — esse grande mal que tem, como remedio, a cultura do character, das qualidades proprias e tradicionaes. Eis o valor da nossa doutrina, o seu alcance patriotico.

Sim: um povo sem iniciativa não progride espirital ou materialmente. A Arte, como a Industria, depende muitissimo d'aquelle poder creador que só possuem as raças verdadeiras, conforme o nosso criterio.

Mesmo para fins economicos, impõe-se a cultura lusitana que dê aos portuguezes a alma que lhe roubaram, a sua vida, o seu poder de raça, aquella faculdade inventiva que géra novas fontes de beleza e de riqueza.

Estes defeitos, que felizmente não atingem todas as classes sociaes, representam, afinal, a queda do *espírito de sacrificio*, a quebra da relação entre o homem-individuo e o seu destino espiritual de chefe de familia e patriota.

CAPITULO XI

DA ALMA PATRIA E DA SUA
ASPIRAÇÃO

Deu-nos a revelação da Saudade o conhecimento da essencia espiritual da nossa Raça, na sua intima figura extatica e nas suas exteriores e activas qualidades. Logicamente nos dará tambem o conhecimento do seu profundo sonho secular, cada vez mais despido da originaria nevoa encobridora e mais alumiado nas suas formas definidas.

Sabemos que a Saudade, ou a alma patria, significa, em vida activa e sentimental, *em genio popular*, a eterna Renascença⁽¹⁾, a eterna aspiração humana, já cele-

(1) Consiste na harmonia entre o Espirito e a Materia, o principio christão e o principio luciferiano ou pagão. Esta harmonia deverá caracterisar a civilização futura. Assim o affirma Ibsen, no *Ju-*

brada nos Misterios de Eleusis, entrevista nas eclogas de Virgilio, tentada, mais tarde, pelas artes plasticas, na Italia, e, nos tempos modernos, pelas obras de certos escritores que lhe imprimiram as feições da sua raça, como Victor Hugo, Wagner, Nietzsche e Ibsen,—mas só *instinctivamente sentida* pelos nossos poetas, incluindo o Povo.

Ora, o facto *intelectual, querido*, e o facto *expontaneo* diferem essencialmente, como o retrato da fisionomia retratada. Aquele é d'uma beleza morta, esteril; este, d'uma beleza viva e creadora.

O sentido da Renascença, lá fóra, tem sido e é de character individual; mas, entre nós, tem sido e é de character popular. Camões, Bernardim, Nuno Gonçalves, Camilo, Garrett, Soares dos Reis, João de Deus, estão em perfeito acordo com o

liano, o Apostata, e assim o affirmou, muito antes, por um processo inconsciente e emotivo, o lirismo camoneano e o popular, ou, melhor, o *sentimento saudoso* da alma patria.

Povo. O que em Ibsen, por ex., é uma tese a defender, nos nossos escritores de génio, é a propria substancia do seu sentir, a alma da sua inspiração.

Eis já porque aparece, na obra camoneana e no Cancioneiro do Povo, em formas vagas e dispersas, o pensamento filosofico-religioso de Hugo, de Wagner e Ibsen. Sim: *este pensamento*, que é a propria essencia da Saudade, encontra-se difundido em todas as creações espirituaes do Povo (Legendas, Cancioneiro, etc., e em todas as obras representativas da nossa Literatura,) adquirindo em Oliveira Martins e Anthero de Quental a sua primeira expressão consciente e filosofica. Pertence-nos originariamente. E sendo um pensamento interior á nossa alma, de expontanea e emotiva natureza, conquistou, em Portugal, um novo e mais profundo sentido, anunciado no actual movimento poetico que nasceu das energias intimas da Raça.

Por isso, jamais houve tão fraterna concordancia entre os poetas dum periodo.

É que eles representam um instante creador, genésico, da alma patria.

O que perdeu em variedade a moderna Poesia, ganhou em força espiritual e constructiva d'um novo sonho patriótico, legitimo descendente do antigo sonho encoberto e nubloso, que lateja, esparso ainda, no lirismo camoneano.

Conforme a alma portuguesa se vae revelando e definindo em alto criterio religioso e filosofico, assim a obra camoneana vae mostrando, a uma luz cada vez mais viva, novas riquezas espirituaes, novas faces ignoradas, ensombradas regiões que se iluminam e desenham em ineditas paisagens de maravilha (1). Que extranho valor encontramos agora em versos como estes:

Não tiram o dôce somno as lembranças
Importunas do bem ou mal futuro...

Sabe que em vão nasceste,
Que para desfazer-se a nevoa escura,

(1) Vid. cit. artigo Camões e a cantiga popular.

Dos meus olhos importa estar presente,
Outro sol, outra aurora, outro oriente. . .

E sendo morto já, vive o sentido,
Porque sinta que n'alma despedida
Pode em meu mal unir-se
O ficar e o partir-se, a morte e a vida!

Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfriam . . .

Os passaros que cantam
Meus espiritos são que a voz levantam.

Tudo se alegra ou vós alegras tudo . . .

Um não sei que suave respirando
Causava um admiravel, novo espanto
Que as cousas insensíveis o sentiam . . .

Uma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visível e invisível.

O conflicto matrimonial entre o Espi-
rito e a Natureza transparece n'estes ver-
sos e em muitos outros do lirismo camo-
neano que é o primeiro vagido sublime

da Saudade. Camões, nos *Luziadas*, obedecendo ao instinto da sua raça, não hesitou em casar as Divindades do Olimpo e Jesus Christo. Parece que Almeida Garrett, o assombroso dramaturgo, não quiz descobrir a logica d'aquelle aparente contracenso . . .

Camões respondeu em português ao movimento da Renascença italiana. Foi muito expontaneamente ao seu encontro, fazendo ouvir, em todo o mundo, a alma do seu Povo e da sua terra . . .

O poeta épico dos grandes feitos maritimos, o poeta enamorado da mulher, desdobra-se agora num outro poeta misterioso e sobrenatural, feito de relampagos que se cruzam ao acaso, mas á luz dos quaes nós vêmos encarnar, em formas de beleza amanhecete, o genio do Povo que tambem canta:

Minha mãe é uma ribeira,
Meu pae um rio corrente,
Sou filho das aguas claras,
Não tenho nenhum parente.

Ó cipreste verde triste,
Cofre da minha figura;
Verde qual minha esperança,
Triste qual minha ventura.

Adeus, bairro de Silvade,
Em te deixar bem me pesa;
Inda espero de tornar
Ao centro da Natureza.

Oh, sol! Oh, lua! Oh, estrelas!
Andae, dae luz em meu peito,
Vinde achar morada firme
Em palacio tão estreito.

Oh alta serra de neve,
Onde se pinta a lindeza;
Quem tem a alma no ceu
Para que quer mais riqueza?

A rola que vae rolando
Onde irá fazer seu ninho?
Aos pés de Nossa Senhora
No mais alto do raminho.

Em te ver eu vejo a Deus,
Não sei se pecco ou se não;
Trago a Deus na minha alma,
A ti, no meu coração.

Eu não amo como os mais,
Que eu no amar sou diferente,
Todos amam por emquanto,
Mas eu amo eternamente.

A ideia da Renascença, cantada por individuos de raças diferentes, desde os seculos, como sendo a mais intima aspiração do homem que, atravez da sua condição guerreira e terrestre, visiona a paz do Ceu, — a ideia da Renascença encontrou, no genio do nosso Povo, a sua forma vivente, instinctiva e comovida.

O fenomeno individual e extatico, entre nós, tornou-se colectivo e dinamico. A ideia fez-se sentimento que é a transição do abstracto para o concreto.

Compreende-se agora facilmente qual a intima aspiração da alma patria. Avivando os tons indecisos e delidos no vago do instincto em que essa aspiração nos appareceu ao raciocinio, retocando-lhe as côres apagadas como se faz aos velhos retratos, conseguimos obter a sua clara

fisionomia. A intima e obscura aspiração da *alma patria* vêmo-la agora em plena luz, resultando naturalmente do nosso proprio character espirital e suas qualidades. Estas qualidades crearam-se no Passado. Ora, do Passado se conclue para o Futuro.

Se a ideia da Renascença, em Portugal, se tornou genio colectivo, deve competir ao povo português convertê-la em concreta realidade social ou nova Civilização.

E deve ser este, depois do patrio amor, o nosso mais alto ideal. Assim, o português, vivendo como Pae e como Patriota, viverá tambem como Homem.

CAPITULO XII

O NOSSO IDEALISMO

Tu serás sol, e norte, e luz, e guia
Ao mundo que mais claro já parece ...

Antonio Ferreira.

SEBASTIANISMO

Portugal foi grande pela acção descoloridora e conquistadora. Desbaratado, em Alcacer-Kibir, apareceu ao Povo em vulto de phantasma, como Jesus aos Discipulos depois da Tragedia do Calvario.

Este espectro divinizado da nossa grandeza morta, prometendo o seu regresso, n'uma encoberta manhã de nevoeiro, é o proprio Sebastianismo.

Se a nossa grandeza morreu materialmente, foi para resurgir em espirito. O Sebastianismo é já a expressão divina, mythica, da nossa dôr; é, ainda em sombra nocturna, o futuro sol da Renascença.

Na sua materia de nevoeiro, sonho morto do mar, transcurece a cruz do Sacrificio, remissora do Peccado: — a dissoluta opolencia de egoismo que enfraquece o homem. Sem a dôr, a necessidade, o continuo esforço, não ha heroicidade nem beleza, não ha vida espiritual, porque o individuo mente ao seu destino de sacrificado e perde a sua razão de ser.

Foi na ilha de S. Borondon que o *genio da aventura* se fez *messianismo*. E desta ilha fabulosa datará o Portugal messianico do futuro, annunciando aos Povos a luz da Renascença:

Este sonho que eu sonhei
É uma cousa muito certa . . .

Bandarra.

SAUDOSISMO

Eu chamei Saudosismo (1) ao culto da

(1) O leitor já compreendeu que a palavra Pantheismo tem, entre nós, um sentido original

alma patria representada pela Saudade erigida em Pessoa divina e orientadora da nossa actividade literaria, artistica, religiosa, filosofica e mesmo social.

E a Saudade, com a sua face de desejo e esperanza, é já a sombra do Encoberto amanhecida, dissipando o nevoeiro da legendaria manhã.

A Saudade, que chorou depois de Al-cacer-Kibir e assistiu, negra de luto, ás exequias nos Jeronymos, mostra agora, na alegria da sua revelação, o primeiro sorriso de esperanza, porque ela, definindo-se, definiu tambem o nosso sonho na-

que se não deve confundir com o seu antigo significado filosofico. O Pantheismo de Spinoza, judeu portuguez, influenciou algumas correntes literarias no estrangeiro e difere essencialmente do Pantheismo a que chamei saudosista, por ele traduzir o estado emotivo e sentimental da alma patria, que teve a sua origem na paisagem e no cruzamento das tendencias hereditarias de natureza sensual e espiri-tual, de que já falamos.

As expressões, *misticismo naturalista*, *idealismo saudoso*, equivalem-se n'este livro.

cional de Renascença, o alto destino imposto a Portugal pela Tradição e pela Herança.

O NOSSO IDEALISMO

Do *sentimento saudoso* (1) deriva o nosso Idealismo. Ele considera a vida

(1) Já falamos do *sentimento saudoso* das cousas, da vida e de Deus... Este sentimento é a *alma* da alma patria, aquela intima unidade em que se fundem os seus dois elementos primordiais: *desejo e lembrança*.

A alma humana, em contacto com a realidade, tem adquirido varias atitudes que influem no meio ambiente. Pode dizer-se que ha um mundo romantico e um mundo realista; ou um mundo — expressão d'uma força vital, intuitiva e creadora e um mundo — expressão de forças mechanicamente reguladas. Pois tambem ha um mundo — expressão d'uma saudade. E não será este mundo o nosso mundo, em que todas as cousas parecem recordações, vestigios mortos d'um ser misterioso que passou? ... Na verdade, as formas tangiveis representam cristalizações paradas, como que arrefecidas, d'uma energia de que não podemos surpreender o momento presente, cuja actividade se exerce n'um tempo futuro e cuja exteriorisação corporea se faz n'um tempo já pas-

do Espirito como sendo a libertação da Materia. A Materia existe, o Espirito vive, porque viver é ser consciente; ou antes, o Espirito existe na Materia e a

sado. Sim: o mundo é o que foi e o que hade ser, a expressão d'uma saudade...

No Principio era a Esperança. O seu vôo, através d'um espaço ideal, vae-se corporisando em lembrança, ao longo do espaço concreto. O Universo é uma especie de auto-escultura, em que a esperança fugitiva que o anima, se fixou em formas de lembrança.

O vôo da Esperança, cristalizando, esculpindo a realidade sensível, recebe de cada cristalização um novo impulso creador. Assim, a sua cristalização mineral imprimiu-lhe o impulso vegetal; a cristalização vegetal imprimiu-lhe o impulso animal, e a cristalização animal, o impulso espiritual. São os tres vôos sucessivos da Esperança, d'essa *verdade que nas cousas anda*, e os seus tres monumentos funerarios...

Mas o vôo da Esperança atinge uma altura em que se ilumina e reflecte sobre si proprio; e a sua direção, tornando-se interior a ela mesma, liberta-se do espaço... E a Esperança é já Consciencia ou Lembrança espiritual.

Emquanto a Esperança é vida creadora, enquanto é *meio, transição*, segue n'um sentido ascendente;

Materia vive no Espirito. Espirito e Materia são as duas faces do Enigma; a natureza inicial, diabolica, e a natureza divina e final. Transmotar o demoniaco em divino, eis o nosso ideal que consiste, no campo patriotico, em elevar o creador

mas, quando se faz espirito, isto é, *fim*, o seu movimento projecta-se para traz, abrangendo superiormente o espaço percorrido, toda a Natureza anterior.

A acção do animal é directa, creadora; a do espirito é reflexa, contemplativa. O pensamento não é quem pensa, mas o que é pensado.

O Espirito é o Fim, a Cretura, o Perfeito . . . Além d'ele não conhecemos novas formas da Vida. novas *lembranças da Esperança*.

A Vida desejou conhecer-se, tornando-se consciente, limitando o seu movimento progressivo, a fim de se poder contemplar nas suas formas anteriores de morte e nas suas formas futuras de sonhada perfeição. A vida é sempre ausente no Passado e no Futuro; e, por isso, o mundo é a expressão d'uma saudade.

O *sentimento saudoso* incluye a ausencia do objecto sobre que incide, como o *sentimento realista* incluye a sua presença e o *sentimento romantico*, a sua indeterminação.

animal e individual a creatura espiritual: Família, Patria; em encontrar a harmonia entre as duas formas da Realidade, Esperança e Lembrança, no campo filosofico; Paganismo e Christianismo, no campo religioso; e no campo social-historico, o nosso idealismo consiste em encontrar a harmonia entre a Tradição e a Revolução, a Herança e a Personalidade (1).

(1) A alma, o genio, a personalidade d'um Povo parece ser uma resultante electiva das forças hereditarias que n'ele actuam. E o valor daquela parece estar na razão directa do numero e qualidade d'estas.

Mas se as forças hereditarias representam o *adquirido*, o *determinado*, como podem originar a *personalidade*, o principio novo, espontaneo e activamente livre do homem? Porque não admitimos duas naturezas, nem julgamos a personalidade reductivel á hereditariedade, temos de dar a esta o poder de crear aquela, pelo *cruzamento e fusão de atavismos nobres e distinctos*.

Quando forças hereditarias, de origens etnicas diferentes, se cruzam, REAGEM, superactivando-se n'uma unidade moral que é a propria personalidade, tanto mais definida, livre e creadora quanto

É, por conseguinte, um idealismo naturalista, partindo do inferior para o superior. Não é utópico; mas a própria Realidade elevada ao Ideal, alcançando, sem mudar

maior fôr o numero e melhor a qualidade dos atavismos cruzados. Os factos demonstram isto. Os Povos etnicamente mais complexos, são os da Europa, e uma grande parte dos individuos de mais alta personalidade, nasceram do cruzamento de individuos de raças diferentes: Camões, Cervantes, Garrett, Kant, Eliot, Nietzsche, Shaskpeare, Velasquez, Anthero, Infante D. Henrique, etc., etc...

A alma, a personalidade da nossa Patria resultou, como dissemos, do cruzamento de distintos e nobres atavismos: celtas, romanos, arabes, fenicios, godos, judeus, normandos, etc; e, por isso, traduz, n'uma unidade original e activa, as qualidades herdadas d'aqueles povos.

E porque as taras de natureza ariana e semita, se combinaram, na raça portuguesa, em proporções equivalentes, originaram, *reagindo*, a nossa personalidade caracterizada pela fusão harmoniosa dos principios naturalista e espiritualista, que a Saudade, melhor que qualquer outro sentimento, representa.

O cruzamento de forças hereditarias é, por assim dizer, o impulso que principia a destacar

de natureza, uma expressão transcendente. Á utopia dos nossos maiores que só acreditavam na Materia, n'uma vil materia obediente ás leis escritas, reformavel por

um nucleo humano, orientando-o n'um sentido original e diferenciador, atravez d'um meio que pode ser hostil (ou favoravel, como entre nós) áquele impulso. E os *dialectos* significam a sua primeira manifestação de vida espiritual autonoma. Em cada um, explende a aurora d'uma Lingua, d'uma Alma, d'uma Patria, que, ou atinge o meio dia, ou se fica adormecida no seu primeiro indeciso alvor ... Em virtude da grande variedade de taras hereditarias que se cruzam, n'um certo territorio, cada Raça pode incluir varias raças em estado latente, como a *extremenha*, na Hespanha, — ou em estado de renascença, como a *catalã*.

A raça de mais forte personalidade é que domina as outras, impondo-lhe a sua lingua e a sua alma. Assim, o dialecto attico tornou-se a lingua grega; o castelhano tornou-se a lingua hespanhola, e o toscano, a lingua italiana.

Diremos ainda que a *unidade-personalidade* fica a coexistir com o *pluralismo atavico*, d'um modo exterior, activo e conflictuoso. As taras representam as celulas materiaes de que a personalidade é a alma livre e creadora.

meio de portarias e decretos, devemos oppôr o verdadeiro idealismo: a crença no Espirito como sendo o fim divino da Materia, a Necessidade convertendo-se em Liberdade (1).

Acreditemos nos sêres espirituaes, Familia, Patria, Humanidade, as tres pessoas de Deus, traduzindo formas de vida superiores á nossa, e ás quaes, portanto, nos devemos sacrificar, amando, luctando e trabalhando. E então não mentiremos á nossa natureza escrava que quer ser livre e ao nosso destino de sacrificio e redempção (2).

(1) Cada sêr, nascido da lembrança de outro, contém qualquer cousa que o destaca e torna diferente. Ao *determinismo da lembrança* corresponde, n'ele, a *liberdade da esperança* que origina a sua personalidade.

A vida é uma força determinada que se liberta, creando, e se escravisa na sua creatura.

(2) Percebe-se que a palavra sacrificio significa o processo porque o *imperfeito material* se torna *perfeição espiritual*. É que o sêr humano, como já

Adoremos a Família e a Pátria, os verdadeiros Santos do Christianismo português; e, n'elles, adoremos, por fim, o suprêmo Sêr Espiritual, — Deus... a longinqua e eterna representação do mais sublime anseio da alma, sempre inquieta e sobressaltada na sua tendencia, cada vez mais pura para uma Justiça mais justa, para uma Beleza mais bela, para uma Liberdade mais livre, para um Amôr cada vez mais amoroso...

E aqui aparece a Saudade representando um papel divino e transcendente. É por sua virtude que as formas inferiores da Natureza, formas ainda de existencia e não de vida, atingem o seu *corpo de lembrança*, o seu *modo imaginario de sêr*, o estado angelico e perfeito, — a *Imagem*. E por meio d'ela comunicamos tambem com a pessoa moral da Família,

dissemos, não realisa em si, o seu destino, mas nos sêres espirituaes: Família, Pátria, Humanidade, Deus. Tambem a terra cumpre o seu destino na arvore que dela nasce...

Patria, Humanidade, Deus. O homem, em virtude do seu *poder saudosista*, de lembrança e esperança, eleva-se da propria miseria e contingencia á contemplação do Reino Espiritual, onde as cousas e os sêres divagam em perfeita imagem divina. Vêmos Deus pelos olhos da Saudade; e assim reconstruimos espiritualmente a sua figura que, sendo por nós reconstruida, participa de nós tambem. Por isso, a imagem de Deus nos aparece vestida de Humanidade, christianisada, e é Jesus.

Orfeu, Apolo, Hercules fôram homens elevados á Divindade pelo poder mythologico do homem; Jesus Christo é Deus humanisado para nosso confôrto e salvação. Depois do homem se elevar a Deus, baixou Deus ao homem, porque se a Esperança divinizou o homem, a Lembrança humanisou Deus.

Eis o profundo sentido original do nosso Christianismo familiar e patriotico, abençoando a Familia no culto da Vir-

gem Mãe, e consagrando a Patria no Campo de Ourique.

Como se vê, o nosso Idealismo é religioso e anti-intelectual, porque as ideias consideradas em si, na sua pureza olimpica e longinqua, esterelisam-se. É preciso que sejam sentimentaes, que se confundam com o nosso proprio sêr e representem estimulos direcionaes da sua actividade.

E é anti-mechanista, contrario á Filosofia que reduz a Vida a um jôgo mechanic de forças determinadas, roubando-lhe todo o poder de iniciativa e de sonho fecundo, dissecando a creatura e reduzindo-a a uma sombra inerte de egoismo e scepticismo.

O nosso Idealismo é saudoso, porque o animam a esperança e a lembrança; e é religioso e popular. O seu desejo seria tornar sentimental a VERDADE PORTUGUESA (1)

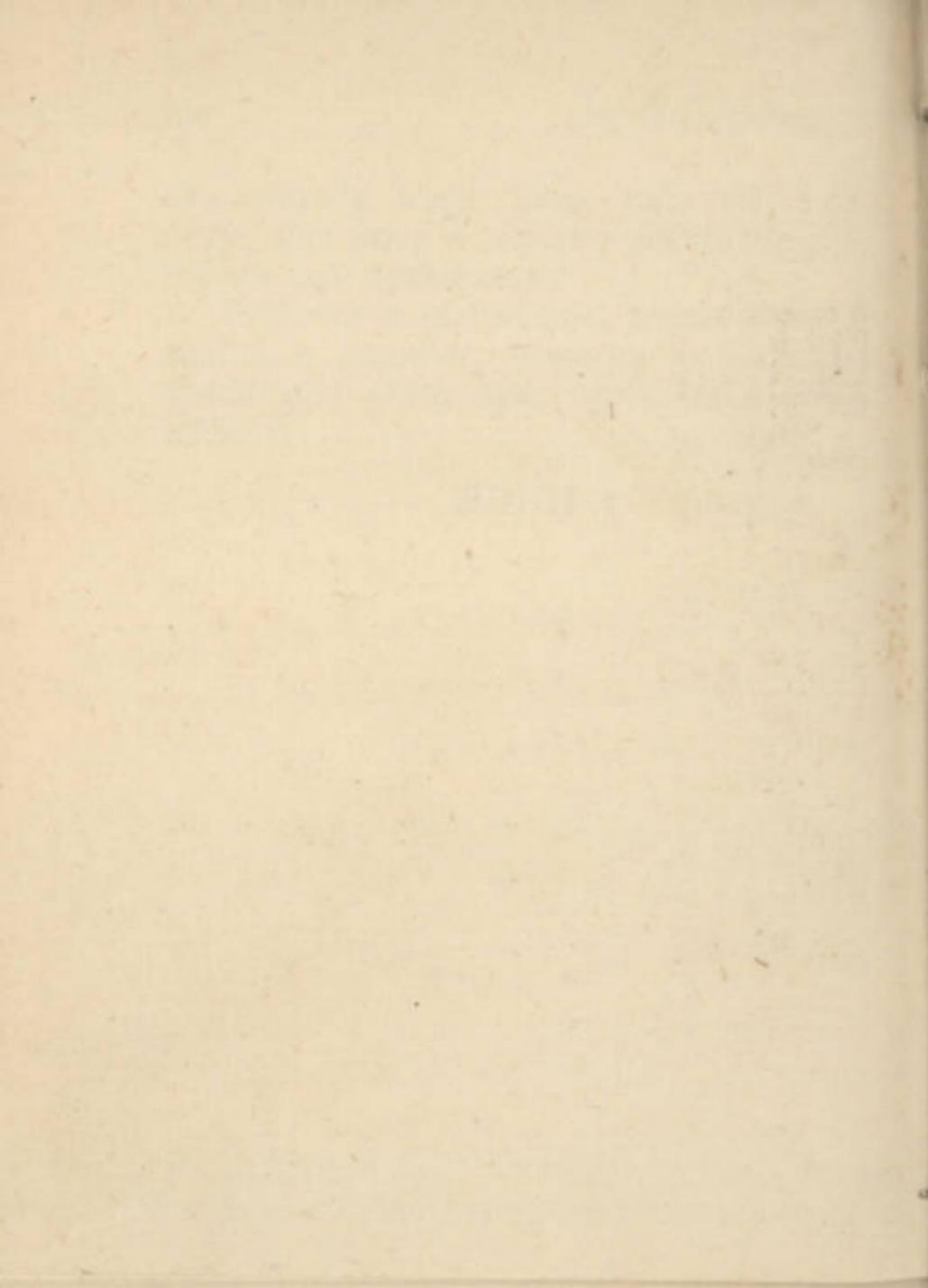
(1) Estudaes o *Cancioneiro Popular*, a *Tentativa Theologica*, de Antonio Pereira e o *Direito Patrio*, de Coelho da Rocha.

demonstrada n'este livro, para que ela dêsse uma nova e superior actividade patriótica aos portugueses.

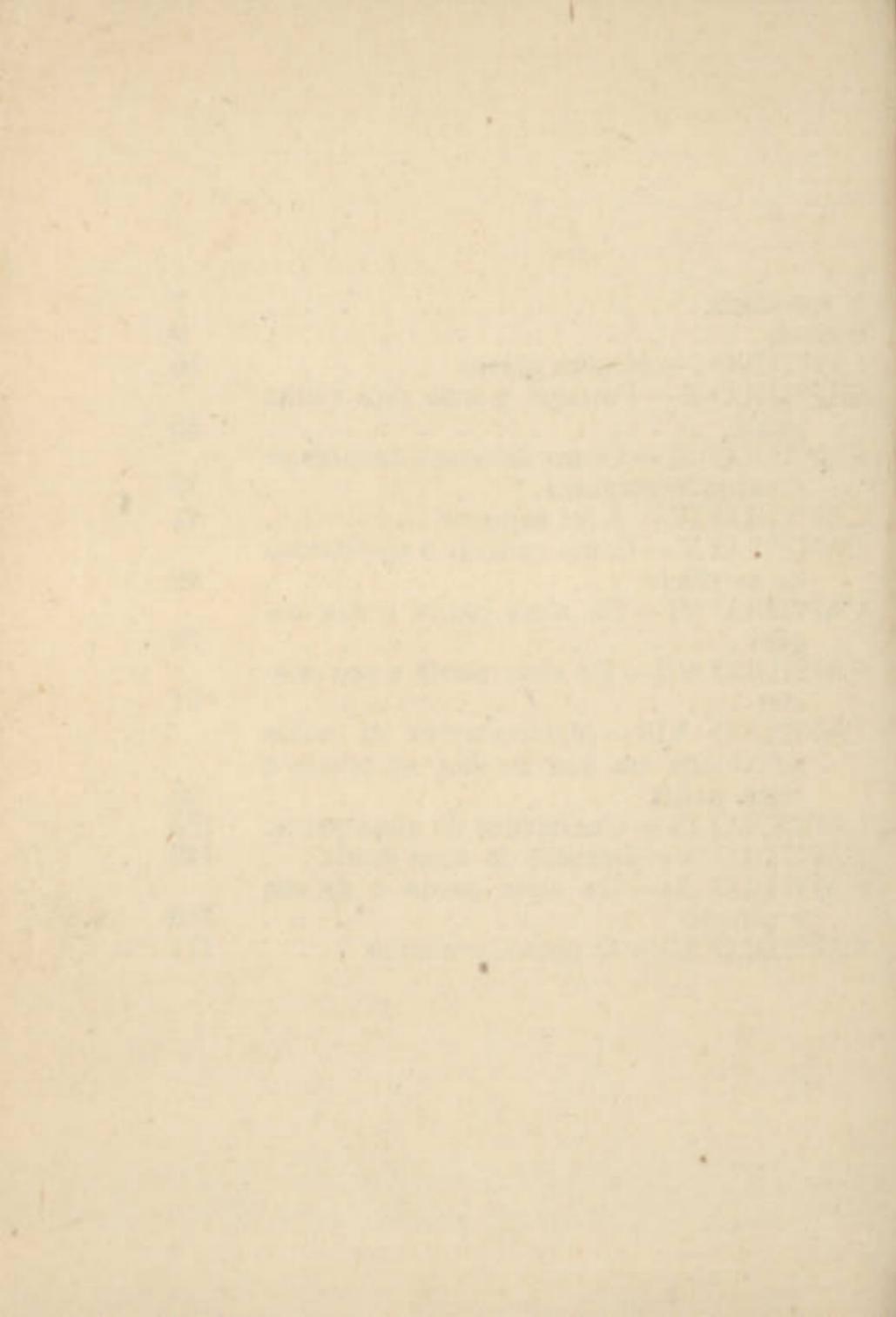
Tambem o platonismo, tornado sentimental e popular, originou o Christianismo que abriu uma nova éra á alma humana...



IDICE

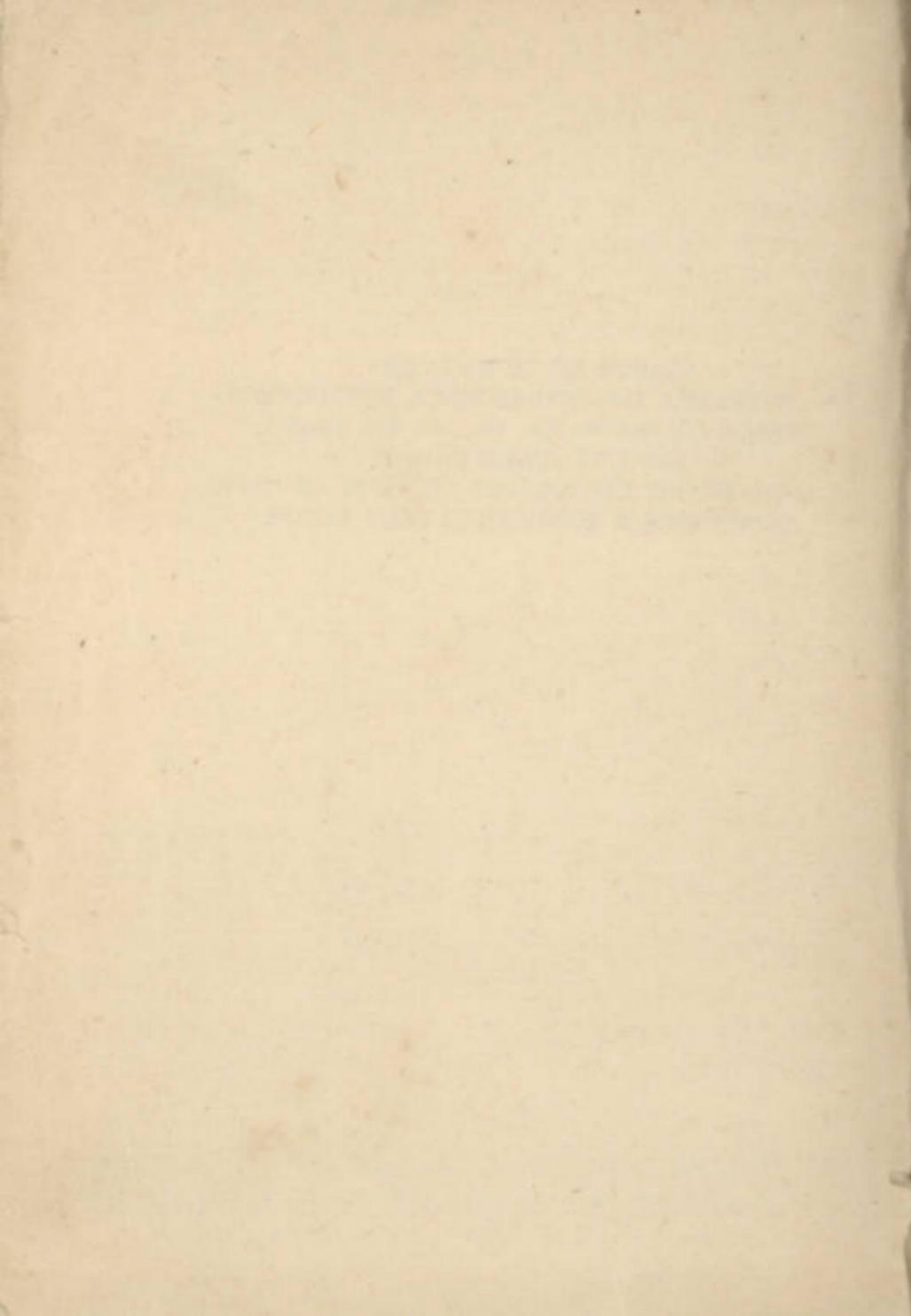


À mocidade	7
Prefacio	9
CAPITULO I—Noções geraes	15
CAPITULO II—Portugal é uma raça e uma patria	25
CAPITULO III—Como devemos considerar a patria portuguesa.	35
CAPITULO IV—A lei suprema	41
CAPITULO V—Como cultivar o sentimento de sacrificio	49
CAPITULO VI—Da alma patria e sua ori- gem	79
CAPITULO VII—Da alma patria e seu carac- ter	91
CAPITULO VIII—Manifestações da nossa actividade em que melhor se revela a alma patria	95
CAPITULO IX—Qualidades da alma patria.	133
CAPITULO X—Defeitos da alma patria . .	143
CAPITULO XI—Da alma patria e da sua aspiração	159
CAPITULO XII—O nosso idealismo . . .	171



ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PRAÇA DA REPUBLICA, 160, 161, 162, PORTO,
AOS 3 DE JUNHO DE 1915.
TIRANDO-SE DEZ EXEMPLARES EM PAPEL DE LINHO
NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR.

L
45980



ERRATA

- Pag. 18, onde se lê: agora refirir-me, leia-se: agora referir-me.
- Pag. 20, onde se lê: porque a vida do homem, leia-se: porque o homem.
- Pag. 23, onde se lê: Ha, todavia, muitos Povos, leia-se: Ha muitos Povos.
- Pag. 28, onde se lê: a propria cousa em espirito, leia-se: essa cousa em espirito.
- Pag. 29, onde se lê: e d'ai concluir, leia-se: e d'ahi concluir.
- Pag. 46, onde se lê: torna-se esteril, leia-se: este-relisa-se.
- Pag. 59, onde se lê: tem o sentimento religioso, leia-se: O povo tem o sentimento religioso.
- Pag. 64, onde se lê: e que depois constituiram, leia-se: e depois constituíram.
- Pag. 88, onde se lê: as duas almas, leia-se: as duas margens.
- Pag. 107, onde se lê: na sua alma, na sua presença de saudade, leia-se, em alma ou presença de saudade.
- Pag. 111, onde se lê: formas ateriores, leia-se, formas anteriores.
- Pag. 146, onde se lê: admitirmos esta teoria, leia-se, admitirmos tal teoria.
- Pag. 152, onde se lê: vida phantastica apresente, leia-se: vida phantastica presente.
- Pag. 163, onde se lê: Eis já porque, leia-se, Eis porque.

